

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F40	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Itapecerica
LOCALIDADE	Bairro da Boa Viagem
MUNICÍPIO / UF	Itapecerica – MG

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Moçambique do Tonho Pretinho
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Moçambique da Boa Viagem
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	ANTÔNIO GERALDO DO NASCIMENTO (TONHO PRETINHO)	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	TRABALHADOR RURAL APOSENTADO	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 1945
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____	

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--



GRAVAÇÃO DO CD NA ANTIGA SENZALA DA FAZENDA PALESTINA, ITAPECERICA – MG. MARCELO FEIJÓ, 2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--



TONHO PRETINHO E DONA LENA EXPLICANDO SOBRE A PREPARAÇÃO DA AMARGOSA. MARCELO FEIJÓ, 2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--



TONHO PRETINHO RECEBENDO A BENÇÃO DE PAI BENEDITO, NO ROSÁRIO VELHO. MARCELO FEIJÓ, 2014

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--



ANA ELISA E DONA NENZINHA. DIANA LANDIM, 2015.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Moçambique do Tonho Pretinho foi instituído em 1972, por ocasião do levantamento do Reinado de Nossa Senhora do Rosário no bairro da Boa Viagem, em Itapecerica – MG. O terno foi fundado pelo capitão Bastião Preto e, por volta de 1976, seu sobrinho, Tonho Pretinho, assumiu o comando da guarda. Apesar de sua data recente, a festa da Boa Viagem é herdeira e tributária de uma tradição forte e enraizada na região, que remonta ao ano de 1818, quando foi criada na cidade a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A atuação de Tonho Pretinho também se insere numa linhagem mais extensa. Além do tio Bastião, fundador do terno, seu pai Geraldo Nascimento foi o primeiro rei congo da festa da Boa Viagem e seu avô havia sido capitão-mor na festa de Lameus, distrito rural da cidade.

O terno, embora mais conhecido pelo nome do seu capitão – afinal são 40 anos à frente do grupo –, conta ainda, desde seu início, com a atuação central de Dona Lena, esposa de Tonho, no suporte espiritual e na organização e, mais recentemente, de Deco, segundo capitão e pessoa chave no desempenho das funções rituais, bem como dos demais capitães e integrantes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

O Moçambique do Tonho Pretinho se destaca pela presença das concepções religiosas e das práticas culturais próprias dos descendentes de africanos na América, que constituíram os congados; concepções e práticas muitas vezes obliteradas pela maior visibilidade de elementos do catolicismo nos espaços públicos. Essa invisibilidade de alguns elementos das religiões afro-brasileiras acarreta um problema muito comum com respeito às percepções externas sobre o congado, que terminam por deixá-lo “sem lugar no mundo”. Desconfiado da ortodoxia do culto, o clero apostólico romano muitas vezes vê o congado como uma religião sincrética e não entende que ele seja suficiente ou puramente católico. No lado oposto, alguns segmentos do movimento negro, geralmente vinculados ao candomblé ketu / nagô reafricanizado, não percebem o congado como religião afro-brasileira por entender que ele seria católico, logo, da religião do colonizador europeu. Pessoas que têm acesso apenas às funções públicas dos congados também costumam considerá-lo estritamente católico. Na somatória dessas percepções externas, temos a situação esdrúxula e paradoxal de o congado não ser visto por uns como católico, por ter elementos de religiões africanas, e de não ser visto como religião de matriz africana pelos outros, por ser ou ter elementos da religião católica.

A presença das forças da natureza, da ancestralidade e das entidades e divindades africanas nos congados – sobretudo na figura do preto velho – permitem, entretanto, identificá-los como uma religião afro-brasileira; em alguns casos, com diferenças marcantes em relação ao catolicismo romano. A cosmologia predominante no Moçambique do Tonho Pretinho é marcada pela influência do plano espiritual no equilíbrio e harmonia do mundo físico, da esfera cotidiana do trabalho e de sustentação material da vida. A presença da ancestralidade e da espiritualidade de matriz africana é marcante na atuação do Moçambique do Tonho Pretinho; o que se desdobra em seu compromisso com a tradição e com os fundamentos dos congados.

Os congados ou reinados de Nossa Senhora do Rosário surgiram nas irmandades religiosas leigas de devoção negra, como as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de São Benedito, de Santa Ifigênia e de Nossa Senhora das Mercês. A abrangência e longevidade dessas irmandades durante o período colonial e imperial seriam impensáveis se elas não cumprissem funções que eram de interesse tanto da classe senhorial como de negros e pardos, escravos, forros e livres. Daí não ser muito apropriada qualquer dicotomia que perceba nas irmandades negras, alternativamente, um instrumento da classe senhorial para domesticar escravos, ou um espaço de resistência cultural. Mais profícua é a percepção de um encontro de povos diferentes que, em dado contexto de dominação social, econômica e política, produziu manifestações culturais mestiças.

A música e os cantos são fundamentais na manifestação e exercem papel central na devoção e na intermediação com o plano do sagrado. Por meio deles, Tonho Pretinho e seu Moçambique acessam a esfera do divino, louvam os santos e se comunicam com os espíritos dos ancestrais e com as entidades

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

protetoras. Também é por meio dos cantos que o capitão se comunica com os reis e rainhas do congado e com os demais festeiros e devotos.

O Moçambique do Tonho Pretinho é o principal responsável pela preservação dos mistérios e dos fundamentos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Boa Viagem (bairro rural de Itapecerica). E participa também, como convidado, de outros reinados da região: Reinado do Rosário de Itapecerica – MG (segundo domingo de agosto); Reinado de Lameus (quarto domingo de agosto) e de Inácio Caetano (primeira semana de setembro), distritos de Itapecerica; Reinado do Rosário do Quilombo, Carmo da Mata – MG (meados de setembro); e de Camacho – MG (último domingo de agosto).

Os congados são feitos pelos reinadeiros ou congadeiros, que são os integrantes, homens ou mulheres, dos ternos: capitães, músicos, dançadores, meirinho – gerente – e bandeireiro. Vencendo longos percursos a pé, cumprem as obrigações de devotos cantando, tocando e dançando nas ruas e nas casas para os santos e suas cortes. Durante a evolução dos ternos – moçambique, catopé, vilão, congo, marinho etc – o capitão puxa os versos e os demais componentes respondem em coro um refrão proposto pelo capitão. Esta estrutura do canto é a modalidade mais comum da forma “canto solo / resposta coral” e uma marca distintiva das tradições de origem africana, presente também no jongo, no samba de roda, no partido alto.

Imersos na música por vários dias, os capitães vão tirando os versos para as diversas funções da festa – visita aos festeiros, busca dos mordomos para o levantamento dos mastros, cortejo de reis e rainhas e da princesa Isabel, que, em Itapecerica, também é homenageada como a principal responsável pela abolição da escravidão.

Como parte da herança recebida de mão africana, o ritmo ocupa nos reinados lugar de destaque, conduzindo, pela música e pela dança, a experiência religiosa. Daí a importância das caixas, gungas e patangomes como elementos sagrados, portadores de linguagem igualmente sacralizada. Seus toques e batidas possuem, em si, dimensão expressiva e significativa e a eles se faz frequentemente referência nos cantos.

O ritmo absorvente e dominante faz a conexão com o mundo espiritual. Assim como o tambor no jongo e no candombe, as caixas do moçambique remetem à ancestralidade. Nos candombes – presentes em alguns reinados da região metropolitana de Belo Horizonte – os tambores constituem, aliás, abrigo dos antepassados. Os sentimentos em torno da ancestralidade guiam, assim, a performance musical nos congados; que constitui, em si mesma, uma prática cultural contra hegemônica.

Embora concentrado no capitão, o poder do canto depende também, em grande medida, da união de todos, para que a sintonia do grupo possibilite o fluxo da energia que firma a corrente, os elos do rosário. A prática musical coletiva sincroniza os tempos internos das pessoas pelas marcações dos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

instrumentos de percussão e pelo canto coletivo. Os sentidos devem estar atentos para perceber os acontecimentos, orientando as tomadas de decisão a cada instante. Tonho Pretinho, quando precisa passar alguma informação importante para os integrantes do terno ou chamar atenção para alguma situação, com frequência se dirige aos moçambiqueiros com os dizeres “põe sentido”. Além de prestar atenção nesses momentos, por sentido implica, ainda, correr os olhos sobre o que acontece ao redor, cuidando para que nada atrapalhe a evolução do terno. Nos cortejos nas ruas é preciso aguçar a percepção para que o corpo capte e interprete a natureza das energias que se aproximam. Cumpre também se colocar disponível para o recebimento de intuições que indiquem a cantiga certa a ser tirada no momento.

Os congadeiros precisam “por sentido em tudo” que ocorre à sua volta e um capitão experiente tem que ter recurso para responder cantando as situações que encontra em seu trajeto, especialmente eventuais adversidades no plano espiritual. Deste modo, em suas atuações, os capitães precisam buscar os cantos apropriados para cumprir as funções rituais de acordo com os preceitos e os fundamentos dos congados. E, neste caso, a definição do que é apropriado se dá, antes, pelo sentido do que pela melodia do canto, de tal forma que uma letra entoada em melodias diferentes é considerada um mesmo canto, ao passo que a mesma melodia, com letras diferentes, é considerada canto distinto.

Os versos são tirados na energia do momento e dependem das relações e interações ativadas. Apropriados para cada situação, eles estão, entretanto, além do improviso: são percebidos como inspiração divina e como indicações dos guias.

Os cantos dão ensejo ainda à performance corporal dos capitães. Ao começar a cantar, seus corpos adquirem uma ginga especial, um balanceio, e eles dominam o espaço. Tonho Pretinho, encumbucado, de certo está tirando um canto na linha de Angola, dos pretos velhos.

Na festa da Boa Viagem, os principais santos homenageados são Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, Nossa Senhora das Mercês – os oragos mais frequentes da devoção negra em Minas Gerais – e Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro. Os santos têm sua corte composta por rainha e rei congo e rainhas e reis eletivos. Rainhas e reis congos – e também os reis perpétuos em outras festas – herdaram a coroa e a missão de dar continuidade à tradição do reinado de seus ancestrais. Eles são, geralmente, negros, e fazem parte da comunidade dos reinadeiros. São os principais da festa; sem eles não pode sair o Reinado.

Reis e rainhas eletivos, chamados festeiros, são escolhidos anualmente. Os de maior importância são os da corte de Nossa Senhora do Rosário, chamados de rei e rainha da coroa grande, em Itapecerica. No mesmo grau de importância, aparece a princesa Isabel, normalmente representada por uma jovem. Os festeiros são os principais responsáveis pela sustentação material da festa, o que se dá por meio de uma contribuição chamada jóia. Também arcam com a alimentação dos ternos. Uma promessa pode estar na

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

origem do oferecimento para integrar a corte do santo como festeiro, mas não é condição necessária. Crianças também compõem a corte dos santos como princesas e príncipes.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Boa Viagem acontece no segundo fim de semana de maio. A abertura da festa se dá com o levantamento das bandeiras dos santos padroeiros, na sexta-feira, mas algumas semanas antes desta cerimônia os ternos já estão em atividade, visitando a realeza conga, mordomos e festeiros, tocando, cantando e dançando no interior de suas casas. Durante as visitas, é servido um lanche para os ternos.

Antes de cada saída para a rua, os ternos realizam uma cerimônia interna de fechamento de sua corrente, para evitar qualquer adversidade nas funções que irá realizar. E isso vale também para o período das visitas.

No levantamento dos mastros, os ternos saem pela primeira vez fardados. Os mordomos e mordomas se reúnem no convento, de onde os ternos os levam em cortejo até o largo em frente à Igreja de Nossa Senhora Aparecida, onde fica o palanque. Os registros com as imagens dos santos são trazidos pelos mordomos do convento até o palanque e dali, de um em um, acompanhados por um terno, são encaixados nas pontas dos mastros que serão levantados. As bandeiras no alto do mastro instituem a ligação do céu e da terra e marcam o tempo da festa: um período especial em que os santos derramam sua benção e a presença do sagrado é potencializada.

Em torno de uma hora da tarde do sábado, cada terno se reúne em sua sede. Depois de seu fechamento, se dirigem para o almoço, que é dado por um dos reis. Terminado o almoço e feito o agradecimento, os ternos vão buscar os integrantes da corte de São Benedito e de Santa Ifigênia, a princesa Isabel e os festeiros de Nossa Senhora do Rosário, no convento. Dali, saem todos os ternos em um único cortejo, com pequena distância entre eles, em direção ao largo da Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Cada terno puxa os integrantes de uma das cortes. No palanque, eles são apresentados e homenageados e entregam um envelope com sua jóia.

No domingo, repete-se o mesmo esquema, mas com o reinado de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora das Mercês. Os festeiros de Nossa Senhora do Rosário – reis da coroa grande – e a princesa Isabel participam dos dois dias. No domingo, saem ainda a rainha e o rei congo, que fazem a transmissão das coroas para os festeiros do ano seguinte, no palanque.

Na segunda-feira à noite, forma-se novamente o cortejo com os mordomos e mordomas, mas desta feita para a cerimônia de descida dos mastros. Depois da retirada do registro das bandeiras, essas são levadas pelos mordomos, acompanhados de todo o reinado, para a igreja, onde é realizada a missa conga. Na missa, que encerra a festa, os ritos são acompanhados, alternadamente, pelo coral da igreja e pelo Moçambique.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O fechamento do terno é realizado na varanda da casa de Dona Lena e Tonho Pretinho, na Rua João Pinto de Souza, 110, que é uma das saídas do bairro para a zona rural. O terno forma em círculo na varanda para a distribuição da amargosa, do álcool concentrado e realização das orações e cantos preparatórios.

A maior parte das atividades públicas do Moçambique do Tonho Pretinho, no Reinado da Boa Viagem, acontecem na Av. Nossa Senhora Aparecida, onde estão localizados (no sentido cidade – Boa Viagem) o convento, o Bar do Lalado, o palanque e os mastros e a Igreja de Nossa Senhora Aparecida.

Os mastros são levantados no largo em frente à Igreja de Nossa Senhora Aparecida, localizada no centro do bairro.

Os almoços acontecem com maior frequência em espaço contíguo ao Bar do Lalado, cuja família participa ativamente da festa e de sua diretoria. O bar, restaurante e local de eventos Ar Puro e o Bar e Restaurante (e aluguel de campo de futebol) do Baixinho, ambos nas proximidades da Av. Nossa Senhora Aparecida também sediam, eventualmente, os almoços.

Os cortejos com o reinado saem do convento para o palanque, percorrendo uma distância de aproximadamente 250 m. A Avenida recebe iluminação extra nos dias de festa.

Na parte de baixo do largo da igreja, afunilando para a avenida, são montadas barracas de alimentação e diversão (tiro ao alvo, cama elástica). O campinho de futebol à esquerda do largo é ocupado com um brinquedo mecânico (barca ou canoa).

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Convento: construção térrea retangular, de alvenaria com telhas de barro, de aproximadamente 8 x 5 m. Tem um espaço central aberto, onde fica o reinado antes do cortejo, e banheiro feminino e masculino, na lateral direita.

Bar do Lalado: construção térrea com várias repartições. Na frente, uma varanda em madeira, com várias mesas. À esquerda, tem uma entrada para um galpão com espaço para apresentações musicais e dança. No centro, tem um área interna e o balcão e, à direita, um espaço interno com mesas.

Igreja de Nossa Senhora Aparecida: Igreja pequena com um única nave e telhado de duas águas. Sem torre. Está situada numa elevação da avenida. Na frente tem um pátio calçado a que se tem acesso por duas escadarias laterais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

A diretoria da festa é responsável pelas atividades no convento e no palanque e co-responsável, juntamente com os reis, festeiros e proprietários, pelos espaços de almoço. A missa realizada na igreja no encerramento da festa é de responsabilidade do celebrante com o apoio da comunidade da paróquia.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

O Moçambique do Tonho Pretinho é o principal responsável pela preservação dos mistérios e dos fundamentos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Boa Viagem (bairro rural de Itapecerica). A festa acontece no segundo fim de semana de maio: tem início na sexta-feira, com a levantação dos mastros; e encerra na segunda-feira, com a descida das bandeiras.

Além desta festa, o Moçambique participa também, como convidado, de outros reinados da região: Reinado do Rosário de Itapecerica – MG (segundo domingo de agosto); Reinado do Rosário do Quilombo, Carmo da Mata – MG (meados de setembro); Reinado de Lameus (quarto domingo de agosto) e de Inácio Caetano (primeira semana de setembro), distritos de Itapecerica; e de Camacho – MG (último domingo de agosto).

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2005

2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐

8. BIOGRAFIA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

APESAR DE TER UM AVÔ CURADOR E CAPITÃO-MOR DE REINADO, TONHO PRETINHO E SUA FAMÍLIA DEMORARAM A COMPREENDER E ACEITAR O QUE SE PASSAVA COM ELE. ENQUANTO JOVEM, ELE SOFREU MUITAS CRISES QUE NINGUÉM ENTENDIA. DORMIA DURANTE O TRABALHO NA ROÇA E PASSAVA DIAS PERDIDO NO MATO, COMPLETAMENTE À MERCÊ, SEM TER CONSCIÊNCIA DO QUE ESTAVA ACONTECENDO. CONTA-NOS DE UM EPISÓDIO QUE ACONTECEU QUANDO AINDA ERA MENINO E SUA MÃE CHEGOU À LAVOURA, CHAMANDO-O PARA COMER, COMO SEMPRE FAZIA:

A MINHA MÃE CARREGAVA O CUMÊ ERA NUM CALDEIRÃOZÃO ASSIM. TINHA A BALAIIEIRA, ELA PUNHA OS PRATOS, PUNHA OS GARFOS E A GARRAFA DE CAFÉ. ELA CHEGAVA NO CARREADOR E CHAMAVA: “Ô GERALDO, Ó O ALMOÇO”. ÀS VEZES NÓS TAVA ASSIM, EU E MEU IRMÃO, ESSE QUE SEMPRE VEM AQUI, AÍ CHAMAVA NÓS. [...] AÍ, NESSE DIA QUE ELA CHEGOU NA BEIRA DO CARREADOR E CHAMOU, EU VI QUANDO EU ENCOSTEI A ENXADA NO PÉ DE CAFÉ. DEPOIS NÃO VI MAIS NADA. QUANDO EU VI TAVA A UMAS DUAS LÉGUAS.

(TONHO PRETINHO)

DONA LENA, SUA ESPOSA, AO OUVIR ESTE DEPOIMENTO, EXPLICOU: “ISSO JÁ ERA A TRADIÇÃO DELE QUE TAVA QUERENDO SE APROXIMAR, PRA ELE FAZER AS CARIDADES. SÓ QUE A FAMÍLIA, NA ÉPOCA, NÃO ACREDITAVA QUE ELE PODIA TER HERDADO DO AVÔ.” TONHO PRETINHO FOI CONSIDERADO UM RAPAZ DOENTE POR MUITO TEMPO, ATÉ QUE CHEGASSE O MOMENTO EM QUE A FAMÍLIA VOLTASSE DE SÃO PAULO PARA ITAPECERICA E ELE CONHECESSE DONA LENA – MOMENTO JÁ PREVISTO POR DEUS. DONA LENA, QUE NA ÉPOCA ERA MAIS CONHECIDA POR IRENE, SEU NOME DE REGISTRO, LOGO VIROU UMA NAMORADA E, PASSADO UM TEMPO, TORNOU-SE SUA ESPOSA. DONA LENA ERA UMA MOÇA SABIDA E TAMBÉM POSSUÍA A TRADIÇÃO:

ELES VIERAM EMBORA PRA CÁ E A GENTE COMEÇOU A NAMORAR. E EU ENTENDIA. ÀS VEZES EU CHEGAVA LÁ E ELES FALAVAM: “VOCÊ TÁ NAMORANDO COM O ANTÔNIO? ELE É MUITO DOENTE”. FALEI: “GENTE, ELE NÃO É DOENTE. A DOENÇA DELE TEM CURA. ELE É UMA PESSOA QUE DEUS DEU O DOM PRA QUE ELE POSSA TIRAR O SOFRIMENTO DAS PESSOAS. E VOCÊS NÃO ESTÃO ENTENDENDO.” E AÍ A GENTE COMEÇOU A IR NAS ORAÇÕES E BUSCAR AJUDA E ELE SE TORNOU UMA PESSOA HOJE QUE FAZ AS CARIDADES PROS OUTROS (DONA LENA).

FOI A PARTIR DA RELAÇÃO COM DONA LENA QUE ANTÔNIO GERALDO NASCIMENTO, O TONHO PRETINHO, COMPREENDEU EXATAMENTE O MOTIVO DE SUAS DORMIDAS SÚBITAS E PERDAS NO MATO: ELE TINHA UM DOM,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

UMA TRADIÇÃO QUE QUERIA SE APROXIMAR PARA QUE, ASSIM, ELE COMEÇASSE A TRABALHAR “TIRANDO O SOFRIMENTO DAS PESSOAS”.

DONA LENA, CIENTE DA SITUAÇÃO, PROCUROU A AJUDA DE SEU AMARANTE, UM SENHOR QUE TAMBÉM ERA ENVOLVIDO COM REINADO. ELE OS ENCAMINHOU AO CENTRO DA VÓ DONDOCA, QUE ALÉM DE MESTRE ESPIRITUAL DO CENTRO ERA UMA CURADORA MUITO CONHECIDA NA REGIÃO DE ITAPECERICA. LÁ DERAM INÍCIO AO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO DOM MEDIÚNICO. A PARTIR DE ENTÃO, COMEÇARAM A TRABALHAR.

QUANDO TONHO PRETINHO ASSUMIU A GUARDA DE MOÇAMBIQUE, QUE ERA DE SEU TIO, BASTIÃO PRETO, ELE JÁ ERA *DESENVOLVIDO*: “ERA, MAS AINDA NÃO TINHA O INJÓ NÃO. EU IA EM TERREIRO DE FORA. JÁ ERA ESPIRITUAL. JÁ ERA *DESENVOLVIDO*. AI DE MIM SE NÃO FOSSE *DESENVOLVIDO*, MINHA FILHA”. E ESTA TRANSFERÊNCIA DO MOÇAMBIQUE PARA TONHO NÃO OCORREU DE FORMA GRADUAL E MEDIANTE O PROCESSO DE ENSINAMENTO DOS SENTIDOS E OBRIGAÇÕES DE CADA ETAPA RITUAL. A GUARDA FICARA SEM COMANDO APÓS A SAÍDA DO TIO E SEU AMARANTE, ESTE MESMO SENHOR QUE ENCAMINHOU TONHO E DONA LENA AO CENTRO DA VÓ DONDOCA, FOI QUEM DETERMINOU QUE TONHO PRETINHO A ASSUMISSE:

AÍ EU DISSE PRA ELE: “Ó, SEU AMARANTE, EU NÃO TENHO CAPACIDADE DE TOCAR O MOÇAMBIQUE. PORQUE EU NÃO SEI NEM REZAR UMA AVE-MARIA COM UM PAI-NOSSO PRA FECHAR UM TERNO.” “NÃO, MAS EU VOU TE AJUDAR. NAS VISITAS EU TE AJUDO. AGORA, NO REINADO, VOCÊ SABE QUE EU TENHO COMPROMISSO COM O VILÃO.” “SEI.” “MAS NÃO VOU TE LARGAR. [E OS CAPITÃES] QUE APARECEREM VÃO TE AJUDAR. VOCÊ QUE É O CHEFE, VOCÊ QUEM COMANDA. É PARA ANDAR COM SEU COMANDO.” [...]

QUANDO EU SAÍ DO CONVENTO, ELES ME PASSARAM UM BASTÃO – AGORA MEXEU COM OS PRETOS VELHOS NA SENZALA! ELES ME PASSARAM UM BASTÃO TODO EMBRULHADO DE JORNAL, AMARRADO. AÍ EU FALEI: “SEU AMARANTE, TEM QUE DESEMBRULHAR ESSE PAPEL, ESSE BASTÃO?” “NÃO. ELE MESMO VAI DESAMARRAR. ELE MESMO VAI SOLTAR E VOCÊ NEM VAI VER.” AÍ NÓS FOMOS FAZER UMA VISITA AQUI E NÓS PASSAMOS POR LÁ. AÍ O BASTÃO TAVA PELADO. [...]

ENTÃO NÓS VEM TOCANDO ESSA TRADIÇÃO. A TRADIÇÃO DO MEU AVÔ, SABE? QUE EU VENHO AGUENTANDO, COM AS FORÇAS DOS MEUS IRMÃOS, COM AS MINHAS SOMBRAS – PORQUE EU TENHO MUITA SOMBRA –, PORQUE O MOÇAMBIQUE PRECISA DE SOMBRA (TONHO PRETINHO).

DONA LENA, CHEFE DO TERREIRO E MÃE DO MOÇAMBIQUE, COMEÇOU, QUANDO CRIANÇA, A APRESENTAR COMPORTAMENTOS ESTRANHOS PARA UMA MENINA DA SUA IDADE:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

EU ERA UMA MENINA DE NOVE ANOS. E EU COMECEI A FICAR UMA PESSOA ASSIM QUE NÃO GOSTAVA DE NADA. TINHA MUITA FÉ EM DEUS, IA NAS MISSAS E TUDO, MAS TINHA UMA COISA QUE PARECE QUE ME PUXAVA. AÍ, ENTÃO, EU COMECEI A SENTIR MAL, DESMAIAR. NO DIA SEGUINTE ELES DISSERAM PRO MEU PAI QUE TINHA UMA DONA QUE MORAVA AQUI NA PEDRA PRETA. ELA É IRMÃ DO ZÉ CÂNDIDO, UM FAZENDEIRO QUE TEM AQUI PRA TRÁS. E ELA ERA ESPIRITUAL. ELA FAZIA A MESA ESPIRITUAL. AÍ UM DIA MEU PAI CHEGOU LÁ COMIGO E FALOU COM ELA. FALOU ASSIM: “LEVEI MINHA FILHA NO MÉDICO, O MÉDICO NÃO ACHOU NADA. E EU VIM AQUI PROCURAR RECURSO.” MEU PAI TAMBÉM NÃO ACREDITAVA EM NADA, MAS TODO MUNDO FICOU FALANDO PRA ELE, AÍ ELE ME PÔS NAS COSTAS E NÓS FOMOS. AÍ CHEGOU LÁ ELA FALOU: “ESSA MENINA NÃO TEM NADA NÃO. O PROBLEMA DELA É PORQUE ELA TÁ CHEGANDO NOS ANOS DELA VER AS COISAS. ELA JÁ VÊ AS COISAS. ENTÃO ELA VAI SER UMA MÉDIUM” (DONA LENA).

ALÉM DE EXPLICAR AO PAI DA CRIANÇA QUE OS SINTOMAS QUE ELA APRESENTAVA NÃO ESTAVAM RELACIONADOS A UMA DOENÇA, MAS A UM DOM MEDIÚNICO, A SENHORA AINDA LHE FALOU SOBRE O FUTURO: “ELA VAI AJUDAR UM MOÇO. VAI VIM UM MOÇO DE LONGE. ELE NASCEU AQUI EM ITAPECERICA [...] E VAI PRECISAR DA AJUDA DELA [...] PORQUE AS FAMÍLIAS SÃO IGNORANTES.” DONA LENA, ENTÃO, COMEÇOU A DESENVOLVER COM ESTA SENHORA. CONFORME PREVISTO, TONHO PRETINHO APARECEU EM SUA VIDA E ELES COMEÇARAM A NAMORAR. E ENTÃO RECEBEU MAIS UMA ORIENTAÇÃO: “UM DIA VOCÊS AINDA VÃO TER QUE MONTAR O INJÓ D’OCÊS. VAI APARECER MUITA GENTE PRA VOCÊS PODEREM FAZER AS CARIDADES, TIRAR OS SOFRIMENTOS DAS PESSOAS”.

TONHO E DONA LENA, MAIS UMA VEZ DE ACORDO COM OS PLANOS DE SUAS VIDAS, SE CASARAM. E, ADEMAIS DO COMPROMISSO CONJUGAL, ELES TÊM UMA PARCERIA FUNDAMENTAL NOS TRABALHOS DE CURA QUE EXERCEM DESDE QUE SE DESENVOLVERAM, ASSIM COMO NAS RESPONSABILIDADES COM O TERNO DE MOÇAMBIQUE. QUANDO TONHO PRETINHO ASSUMIU O MOÇAMBIQUE, ELES JÁ ERAM CASADOS. A DECISÃO DE RESPONSABILIZAR-SE PELA GUARDA TEVE O APOIO DE DONA LENA, QUE CONTINUA SENDO UM ESTEIO FUNDAMENTAL NO TERNO. SEUS FILHOS, JOANA DARC, ROGÉRIO E VANINHO (FALECIDO) LOGO QUE CRESCERAM UM POUQUINHO, TAMBÉM ADENTRARAM NO CORTE. VANINHO DANÇOU DESDE CRIANÇA ATÉ SUA MORTE PREMATURA, COM 27 ANOS DE IDADE. ROGÉRIO E JOANA DARC, DEPOIS DE UM PERÍODO DE AFASTAMENTO PELA MORTE DO IRMÃO, VOLTARAM A INTEGRAR O MOÇAMBIQUE. DU, MARIDO DE JOANA DARC; RAFAEL, FILHO DELES, E MARCOS VINÍCIUS, FILHO DE ROGÉRIO, TAMBÉM FAZEM PARTE DA GUARDA. REPRESENTAM, EM ALGUMA MEDIDA, UMA POSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE DO MOÇAMBIQUE E DOS TRABALHOS DE CURA, PARA QUANDO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

TONHO E DONA LENA NÃO PUDEREM MAIS SEGUIR. ALÉM DA FAMÍLIA NUCLEAR, UM SOBRINHO DE DONA LENA E SUA ESPOSA TAMBÉM INTEGRAM O MOÇAMBIQUE: MARCELO É O MEIRINHO DO TERNO E É CASADO COM EDNA, CAIXEIRA DO GRUPO.

ALÉM DO NÚCLEO FAMILIAR DE TONHO E DONA LENA, O MOÇAMBIQUE DO TONHO PRETINHO É CONSTITUÍDO AINDA DE OUTRAS TRÊS FAMÍLIAS. DONA NENZINHA, A DANÇADORA MAIS VELHA DO TERNO, É TIA DE CICINHO, O SANFONEIRO; ESTE É PAI DE CAMILA E TIO DE WAGUINHO E CILENE – QUE É CASADA COM WILIAM. FIA, DANÇADORA ANTIGA JÁ FALECIDA, É IRMÃ DE CICINHO E MÃE DE CILENE E DE WAGUINHO. E TIA LITA, DANÇADORA TAMBÉM FALECIDA, É TIA DE DONA NENZINHA.

DECO, SEGUNDO CAPITÃO DO MOÇAMBIQUE, É IRMÃO DE TINICO E AMBOS SÃO TIOS DE VITOR. DECO É CASADO COM DEIA E ELES SÃO PAIS DE WALLACE, CAIXEIRO. A MÃE DE DEIA É DONA MARCELINA, RAINHA CONGA DO REINADO DO ROSÁRIO DA BOA VIAGEM. EM 2017 ELA COMPLETA TRINTA ANOS COM A COROA CONGA. E BETO, FILHO DE DONA MARCELINA E IRMÃO DE DEIA, DESEMPENHA IMPORTANTE PAPEL JUNTO À DIRETORIA DO REINADO DA BOA VIAGEM.

JURANDA, CAPITÃO, É PAI DE GERALDO, TOCADOR DE PATANGOME, E AVÔ DE ANA ELISA – QUE CANTA, DANÇA, TOCA CAMPANHA E PATANGOME E ESTÁ APRENDENDO A BATER A CAIXA.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A coroação de rainhas e reis congos nas festas das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de outros santos de devoção negra – notadamente, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês – é documentada a partir do segundo quartel do século XVIII, em Minas Gerais. A festa é mais conhecida no país pelo nome de Congado. Em Minas Gerais, a denominação Reinado de Nossa Senhora do Rosário ou, numa formulação mais simples, Reinado do Rosário, também é bastante difundida. Apesar de próximos, estes termos não são exatamente sinônimos. Terno, guarda ou corte são os grupos de dançadores, instrumentistas e seus capitães. Congado significa a festa religiosa de que participam as guardas, podendo estar reunidas ou não em Irmandades, vinculadas ou não a um reinado. Já este representa uma estrutura simbólica mais complexa, com ritos que incluem não só a presença das guardas, mas uma série de atos litúrgicos e cerimoniais. Na região metropolitana de Belo Horizonte, esses atos se referem, especialmente, à instauração do reino ou império. Em Itapecerica, ao cortejo com os reis congos, perpétuos e eletivos de cada santo, procedendo os reis congos e perpétuos à troca de coroa dos reis eletivos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Embora com variação regional considerável, no geral as cerimônias dos reinados / congados de Minas Gerais têm origem no cruzamento das cerimônias da realeza em Portugal – e, posteriormente, no Brasil, com as coroações de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II – com os rituais religiosos e políticos da África Centro-Occidental, principalmente aqueles ligados à história da conversão ao catolicismo do Reino do Congo. A documentação histórica das irmandades em Minas Gerais – compromissos, livros de receita e despesa, livros de ingresso de irmãos e livros de termos da mesa – propicia uma noção razoável a respeito da morfologia antiga da festa e de suas mudanças ao longo do tempo. A festa começa a apresentar elementos que apontam na direção de características próximas das atuais na virada do século XVIII para o XIX, com despesas crescentes com pagamento de músicos para missa e procissão, com compra de óleo para iluminar a cerimônia de levantamento do mastro com a bandeira do santo, com compra e reparo de caixas e outros instrumentos. Esta tendência, com música e dança nos cortejos que conduzem rei e rainha conga para a coroação, vai se consolidando a partir da segunda metade do século XIX, coincidindo com a expansão da festa para áreas de agropecuária, e atinge o ápice entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O Reinado do Rosário de Itapeverica é, provavelmente, um pouco anterior a 1818, ano da ereção da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São Bento do Tamanduá. O compromisso – estatuto – da irmandade cita como um de seus objetivos a realização das festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito.

As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos estiveram presentes em todo o território da América portuguesa desde os primeiros séculos da colonização e sua existência está documentada também em São Tomé e na região do Congo e de Angola (ALENCASTRO, 2000; POEL, 1999). As irmandades leigas, aliás, eram uma instituição presente em todo o império português e havia instituições congêneres na América espanhola. Nessas irmandades, os africanos e seus descendentes garantiram a sociabilidade possível nas condições da América portuguesa escravista, reconstruindo laços de solidariedade e de identidade rompidos pelo tráfico. Confrontados com valores estranhos a sua concepção do mundo – impostos, na maior parte dos casos –, os negros assimilaram os elementos e padrões europeus de devoção de acordo com suas próprias concepções religiosas e desenvolveram distintas manifestações, espalhadas praticamente por todo o país.

No caso dos congados, no culto aos santos católicos, foram ativadas práticas culturais africanas – que deram forma e sentidos à festa em louvor à santa – no interior de instituições com estatuto europeu, controladas pela igreja católica e pela administração colonial portuguesa. Neste processo, as práticas culturais africanas, ligadas a saberes, valores, crenças e ritos de origem, mantiveram seu lugar estrutural central, mas foram ao mesmo tempo alteradas pelo fato de se manifestarem em uma festa de devoção

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

católica. Os tambores, que não podiam ser tocados nas igrejas, soavam na rua nos dias de festa, invocando de um modo africano – com música e dança – os santos católicos, mas também as forças da natureza, os antepassados, as entidades e divindades afro-brasileiras; e nesse caso, o modo africano de invocação inclui a incorporação mediúnica como forma de contato entre o mundo físico dos vivos e o outro mundo, das forças espirituais. Deste modo, esta manifestação híbrida do catolicismo negro de raiz banta no Brasil conferiu ao culto aos santos católicos outros desdobramentos e novas significações, criando esta manifestação singular que é a coroação de reis congos na festa de Nossa Senhora do Rosário. Sem olvidar esse violento processo de imposição cultural presente em sua origem, os congados puderam, entretanto, preservar em alguma medida conteúdos religiosos dos antepassados africanos escravizados. Neles, os elementos europeus de devoção – efetiva ou apenas simuladamente assimilados pelos negros – foram vivenciados a partir de suas próprias práticas culturais; práticas que se mostram vigentes e atuantes em vários congados atuais.

O Moçambique do Tonho Pretinho mostra a presença marcante de elementos e conteúdos de origem africanos em suas festas, sem prejuízo de sua dimensão católica. E não se trata aqui de uma tática de dissimulação que permitiria, à sombra do culto aos santos católicos, o culto de divindades, entidades e ancestrais africanos e a manutenção de seus processos de iniciação religiosa. A participação no Moçambique não é condicionada à declaração de fé e menos ainda a juramento de obediência a qualquer ortodoxia. O terno é formado, em sua maioria, por católicos sinceros e praticantes. As concepções religiosas presentes, entretanto, aproximam os moçambiqueiros mais do catolicismo popular e do catolicismo negro – ou cristianismo africano –, cujos conteúdos e práticas religiosas nem sempre coincidem com as da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano.

O catolicismo popular e o catolicismo negro são mais *animados* – tanto no sentido de alegre e vibrante como no sentido da concepção do universo prenhe de entidades espirituais e de forças da natureza providas de alma. Em função, entre outras, da forte influência dos africanos na formação do mundo atlântico, a partir do século XV, essas duas vertentes do catolicismo têm basicamente as mesmas características no Brasil, embora nosso catolicismo popular apresente ainda elementos do catolicismo popular ibérico arcaico (BOSI, 1992) e de crenças dos povos autóctones da América; esses últimos, por sua vez, compartilhando com os africanos bantos a centralidade do culto aos ancestrais.

Essas diferenças de entendimento e de práticas religiosas motivou, como era de se esperar, uma série de conflitos entre párocos e irmandades. A existência de conflitos, entretanto, não corrobora, necessariamente, a ideia da simulação do culto católico para dissimular ritos de origem africana ou ameríndia. Numa manifestação diversa e plural como os congados – espalhados por 317 municípios mineiros, além de uns outros 20 em Goiás e algumas manifestações em São Paulo, Paraná e Rio Grande

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--	--	--	--	F40	--
----	----	----	----	------------	----

do Sul – é de se esperar a coexistência de concepções diversas e até mesmo divergentes. Assim, a capitã do Moçambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira – MG, Pedrina de Lourdes Santos, afirma, taxativamente, que o congado não é católico e que há uma correspondência precisa entre os santos cultuados e alguns inquices. E, ainda, que a necessidade de ocultar esse conhecimento era tão estrita em algumas circunstâncias que acabou acarretando a interrupção da transmissão desse conhecimento em algumas guardas, que, desprovidas desse fundamento, acabaram se tornando católicas. Por outro lado, o capitão de Moçambique de Formiga – MG, Zé Rosa, próximo do movimento de Renovação Carismática Católica, não aceita em seu terno o que considera introdução inapropriada de elementos da umbanda ou da macumba no reinado, embora reconheça a presença dessas concepções em outros ternos.

Não se trata de discutir qual concepção seria certa ou errada. Embora com eventuais críticas recíprocas, no geral os grupos entendem que aqueles que pensam e agem de forma diferente também fazem parte da festa e da irmandade. Não há uma ortodoxia e menos ainda qualquer instância que regule as práticas e os ritos e, no limite, pudesse reivindicar a exclusão de algum grupo. Assim, em que pese serem diametralmente opostas, ambas as percepções são legítimas, assim como é legítimo a concepção imperante no Moçambique do Tonho Pretinho que, recusando a dicotomia origem africana **ou** católico se percebe como sendo, ao mesmo tempo, de origem africana **e** católico.

A manifestação velada dos pretos velhos, dos caboclos, das forças da natureza, dos ancestrais, das entidades e das divindades africanas nos rituais de rua do Moçambique do Tonho Pretinho não se deve, portanto, a uma simulação de crença católica, mas à necessidade de se precaver contra preconceitos externos. Quem é de dentro do Moçambique, “criado no Congo”, lida com essas manifestações de forma aberta e natural; geralmente desde criança. Quem não conhece essas manifestações, ao contrário, terá dificuldade de reconhecê-las na rua, o que faz com que passem despercebidas.

A constituição do catolicismo negro é baseada em algumas trocas e reinterpretações nas quais predomina um paralelismo de sentido. E a cruz, por ser um símbolo central nas duas cosmologias, é provavelmente o melhor exemplo da permanência paralela dos sentidos originais. Em um fechamento de terno em 2009, Tonho Pretinho junta os dois sentidos no mesmo verso de uma embaixada:

Nas horas que Deus começa / quero começar também / eu vou pedir Nossa
 Senhora / pra livrar dos mal encanto
 Nas horas que Deus começa / os nêgo vai começar / eu vou pedir a Jesus Cristo /
 nessa hora abençoar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Eu tô rezando minha oração / com Jesus que está na cruz / que me livra de todos mal / que tira todos os *encruz*

Eu tô rezando minha oração / para a Virgem Mãe Imaculada/ e algum mal que vier / e vai pras ondas do mar

E a encruzilhada como local preferido de espíritos menos elevados ou de espíritos perigosos foi referida por Deco em sua explicação sobre a meia lua.

Toda encruzilhada tem um dono. E tem muita gente que faz trabalho nas encruzilhadas. Para você atravessar, você tem que pedir permissão para o dono. É onde a gente faz a meia lua. A maioria dos capitães para no centro, bate o bastão e pede licença pra poder passar. Porque, se não pedir, ele entra no terno e atrapalha. Então toda encruza, porteira, tronqueira tem que pedir licença pra poder passar. Quando a gente vê a gente já fecha. Aí que a gente toma mais cuidado pro terno passar. Não todos (capitães) vêm. Tem uns que só sentem eles lá, mas não enxergam eles. Outros já podem enxergar, pode até conversar: "deixa a gente passar aí, cumpade! (Deco).

A comunicação do plano divino espiritual com o plano horizontal, da materialidade e do físico, é realizada por pessoas dotadas de um dom especial, os feiticeiros – termo usado aqui num sentido neutro, equivalente a sacerdote. A essas pessoas capazes de estabelecer a comunicação com o plano do sagrado, das entidades e divindades, dos ancestrais e, após a conversão, também dos santos cabe a tarefa de atrair espíritos benéficos e esconjurar espíritos maléficos. Boa parte da simbologia dos congados reside aí, remetendo a um sistema cultural em que os reis acumulavam funções que eram tipicamente do feiticeiro. E por isso as insígnias da realeza são tão louvadas nos congados. Levar uma coroa, levar um cetro, representa o poder de origem religiosa de restabelecer a ordem no mundo político, social e econômico, gerando abundância e harmonia (RIOS, 2014).

Esta visão do mundo não foi substancialmente alterada a partir do contato com os portugueses e a conversão do Reino do Congo ao catolicismo é bastante emblemática a este respeito. Portugueses e congoleses traduziram noções alheias para sua própria cultura, forjando analogias que os levaram a achar que estavam falando das mesmas coisas, quando na verdade os sistemas culturais distintos permaneciam, como vimos no exemplo da cruz, bastante inalterados (SOUZA, 2002, p. 55).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

A plasticidade e maleabilidade característica do pensamento banto permitiu historicamente a incorporação de contribuições dos povos com os quais entravam em contato. E isso se aplica, como vimos, inclusive a rituais e objetos religiosos. Em decorrência desta característica, ao longo da história, a região do Congo / Angola vivenciou uma série de movimentos religiosos, ou seja, a adoção de novos ritos e objetos de culto em situação de contato ou dominação ou quando os antigos, em momentos de crise (seca, fome, guerra etc.), já não cumpriam satisfatoriamente sua função de ampliar a ventura e prevenir a desventura. A incorporação dessas contribuições, entretanto, dava-se pela leitura delas a partir de seu próprio instrumental cognitivo, aceitando-as em parte como próprias, mas resistindo a transformações radicais (SOUZA, 2002).

A proximidade entre o mundo físico e o espiritual, característica da concepção do catolicismo negro e do catolicismo popular, revela-se na prática de capitães de moçambique, benzedores, curadores, embaixadores de folia. Sua atuação para resolver problemas cotidianos, não raro por meio de incorporação mediúnica, passa a ser desqualificada como prática mágica e profanadora pela igreja católica. Sua condenação entretanto, traz como consequência o estabelecimento de um sistema religioso autônomo, alternativo e com maior capacidade de penetração e reprodução entre as camadas populares. Assim, as festas religiosas conduzidas por beatos populares, rezadores, guias de folia, congadeiros e benzedores terminam por constituir rituais distintos e adquirem novas funções.

No conjunto, as vicissitudes da criação do cristianismo africano e do catolicismo popular tornam os congados festas compostas de cerimônias assaz ricas em significados difíceis de serem desvendados, alguns inacessíveis aos não iniciados. A diáspora impediu que os complexos sistemas sociais, políticos e religiosos africanos fossem integralmente transpostos para as Américas. Contudo, se as relações sociais nas quais os indivíduos se inscreviam no mundo americano determinaram as feições das novas comunidades, a escravização não destruiu automaticamente hábitos, maneiras de pensar e sentir de suas vítimas; a bagagem cultural também influencia as formas que essas comunidades adquirem, apesar de o monopólio do poder pelos europeus estabelecer tanto parâmetros e limites para a manutenção de continuidades sociais e culturais com a África como as formas das inovações.

Como as irmandades religiosas de negros e pardos, escravos, forros e livres, separadas das dos senhores, foram um dos principais meios encontrados para se organizarem em comunidades de alguma forma integradas à sociedade escravista, vários elementos das manifestações religiosas e da cosmovisão banto, em sua versão cristianizada, fluíram para as festas dos santos de devoção negra no Brasil. Sendo o principal elemento dessa cosmovisão a grande importância da esfera espiritual para o equilíbrio e harmonia do mundo físico, onde se dá a luta cotidiana pela manutenção e abundância na vida, o culto aos ancestrais vai ganhar centralidade nas manifestações do catolicismo negro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Os ancestrais africanos são acima de tudo pessoas mais velhas do grupo de parentesco. Assim, as pessoas mais velhas que estão vivas também são de alguma forma ancestrais. E, como a linha que divide os vivos dos mortos não afeta a estrutura dos relacionamentos, a ligação com os antepassados precisa ser mantida por meio de uma série de rituais. Nesses rituais – e ainda na vida cotidiana – destaca-se, portanto, o respeito pelos mais velhos, que tem, normalmente, primazia nos cultos; sendo alguns exclusivos destes, como costumavam ser o jongo e o candombe, conhecidos como festas de nego velho e de preto velho. Esse respeito aos mais velhos tem relação com o fato de eles terem vindo antes ao mundo, com a valorização de sua experiência e também com o fato de que eles, ao realizar a passagem – presumivelmente mais próxima –, assumirão o papel espiritual de guardião e protetor dos parentes vivos.

Ainda com relação à centralidade dos ancestrais na vida das pessoas de origens bantas – e africanas, de modo geral –, podemos destacar que a reunião em torno de um santo recria entre os irmãos uma espécie de parentesco étnico, a partir de um ancestral mítico comum. É ainda uma vez o culto aos ancestrais operando a recriação de laços de identidade para suprir os que foram rompidos pelo tráfico (étnicos, geográficos, culturais, políticos etc.). A ausência de laços familiares podia não ser tanto um problema para os crioulos, mas mesmo esses também podiam ser separados de suas famílias. Para a maioria dos africanos recém chegados, entretanto, a ruptura dos laços familiares era uma realidade dura e incontornável; e os africanos escravizados chegaram ininterruptamente a partir do final do século XVI, com grande acréscimo no número de importação no século XVIII e mais ainda no século XIX, até a extinção do tráfico, em 1850.

A centralidade do culto aos ancestrais ajuda a explicar, portanto, a integração de africanos em instituições católicas de cunho ibérico, regidas por normas da administração metropolitana, e que visavam, além da disseminação da fé cristã, o controle da comunidade negra. Basta lembrar a importância dos funerais nas sociedades africanas. Eles marcam o momento da passagem para o mundo dos ancestrais e dos espíritos da natureza; passagem que exige ritos especiais, acompanhados de cantos e danças. Não é mera coincidência que uma das justificativas mais recorrentes para a criação de irmandades negras seja exatamente a de dar um enterro digno e cristão para seus membros, muitos deles escravos que temiam ser abandonados pelos senhores na hora da morte.

Não se entende o reinado do rosário sem uma reflexão mais ampla sobre a natureza da criação de uma cultura híbrida na América, a partir da diáspora africana, e sobre a formação do Brasil pelo tráfico de escravos no Atlântico Sul. No desenvolvimento dos congados, estão gravadas as transformações econômicas, sociais e culturais em escala mundial advindas com a colonização do Novo Mundo a partir do encontro / desencontro, assimétrico e desigual, de americanos, africanos e europeus. E, no sentido inverso, o entendimento da festa clareia muito sobre as implicações culturais e cotidianas desse processo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Grande parte da literatura sobre os congados e reinados indica a preponderância da influência banta em sua constituição. Esta influência não se limita às cerimônias de coroação de reis congos, mas se faz presente, principalmente, na configuração do cosmos – com espíritos ancestrais, pretos velhos e caboclos, escoras e forças – e na dimensão espiritual do moçambique, dos reinados e dessa devoção específica ao rosário – elementos que são muitas vezes invisibilizados pela presença, em primeiro plano, do culto aos santos católicos. Este ofuscamento tem claras origens históricas relacionadas com a perseguição do clero aos cultos de matriz africana. No entanto, parece integrar também um processo mais amplo, interno às religiões afro-brasileiras, de invisibilização de elementos de origem africana banta. Nos estudos afro-brasileiros, comparece uma supremacia jeje, (fon, ewe, mina, fanti, ashanti) e ketu / nagô (iorubás), com a consequente maior visibilidade dos cultos de Vodun (predominantes no Maranhão) e dos Orixás (predominantes na Bahia e em Pernambuco), embora estes sejam demograficamente minoritários com relação aos bantos, especialmente na região mineradora e do café (Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo).

A historiografia anterior à década de 1970, em geral, procurou negar a hegemonia banta com o objetivo de negar importância à regra, à maioria, mitificando positivamente, de certa forma, apenas a exceção. Daí, a representação do negro bantu sempre submisso e imbecilizado, contraposto ao malê ou mina, generalizadamente mostrado como rebelde, ativo e letrado. Além de esbarrar no fato histórico de que a maior e mais duradoura resistência à escravidão foi empreendida por bantos no Quilombo dos Palmares, a idealização da minoria voltada para a desqualificação da maioria acaba funcionando como fermento para o racismo.

Como desdobramento do preconceito contra os bantos, o congado é muitas vezes desconsiderado como religião afro-brasileira, devido, como vimos, à presença de elementos do catolicismo, a religião do colonizador. No entanto, o que uma investigação mais profunda (e não centrada exclusivamente nas festas) revela, é que existe no reinado um complexo cosmológico que extrapola o catolicismo – sobretudo o hegemônico e institucionalizado –, contendo elementos de uma espiritualidade africana banta, encontrada igualmente nos jongos, caxambus.

A sistematização da umbanda, a partir dos anos 1930, também faz parte deste processo de obscurecimento da presença dos pretos velhos, dos caboclos, das forças, dos ancestrais e dos espíritos nos congados. Com sua institucionalização, especialmente nos grandes centros e nas capitais, ela absorveu, em parte, elementos antes dispersos em devoções e cultos não institucionalizados, acarretando sua identificação com ou sua adoção pela umbanda. Neste processo, oblitera-se a origem mais antiga dos congados e dos jongos ou caxambus como *locus* de preservação e exercício dessas concepções religiosas de origem africana.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Hoje, há uma percepção cada vez mais compartilhada entre os praticantes dos cultos afro-brasileiros de que, embora o segredo tenha sido fundamental na estratégia secular de resistência cultural, esta etapa está encerrada, ou ao menos se encerrando. E cumpre dar agora um segundo grito de liberdade e enfrentar os preconceitos e perseguições às suas práticas de forma aberta e no espaço público. Nos congados, isso implica a valorização da espiritualidade de origem africana nos ternos, o que passa, forçosamente, pela necessidade de divulgá-la em alguma medida. O que precisa ser feito sem perder ou profanar o que é tão importante para os moçambiqueiros; uma vez que religião tem mistério e mistério não é aberto a não iniciados.

No Moçambique do Tonho Pretinho, o interesse em mostrar essa espiritualidade de origem africana no reinado, a linha da Angola, faz parte ainda de um movimento de marcar sua posição nas festas da cidade, contestando algumas tendências de carnavalização – consideradas negativas – em curso na região de Itaipicera: incorporação de músicas sertanejas e de pagode no repertório de alguns ternos; o privilégio aos festeiros eletivos em detrimento dos reis congos e perpétuos, por parte da diretoria das festas e do público em geral; a priorização do caráter estético e de diversão por parte dos festeiros; e a amarração, prática recorrente em Itaipicera e região, que consiste nos reis ou mesmo pessoas do público pararem o cortejo, colocando uma cédula de dinheiro sob os pés para que o capitão cante para eles.

A priorização do caráter estético, a preocupação com as vestimentas, transformam o cortejo num verdadeiro desfile de moda. E a amarração, ao direcionar os cantos para agradar os reis ou pessoas do público, faz com que esses percam sua orientação vertical, voltada a rogar as bênçãos e proteções dos santos, divindades e forças espirituais, se nivelando no plano terreno. Deste modo, o desfile de moda e a amarração acabam relegando a devoção ao Rosário a um plano inferior, o que desagrade capitães e dançadores ligados aos sentidos originais da festa, além de a última causar tumulto e atrasos nos cortejos.

Nesse contexto de afastamento da festa de seus fundamentos, chama a atenção, no Moçambique do Tonho Pretinho, a sua preocupação e empenho na manutenção da linha do Rosário, dos cantos na linha da Angola, em estreita vinculação com a dimensão espiritual do reinado. “O reinado é uma brincadeira, mas é uma brincadeira muito séria”, explica Dona Lena. A festa potencializa a presença e a atuação dos ancestrais, dos santos, das entidades e divindades no plano terreno. Essas forças precisam ser colocadas em equilíbrio e em prol da proteção dos ternos e da comunidade. E há também que amansar e afastar as forças perigosas e negativas, igualmente intensificadas nesse período.

No panteão do Moçambique, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês estão juntos dos pretos velhos e pretas velhas – Pai Jacó, Pai Benedito, Pai Joaquim de Aruanda, Mãe Santana, entre outros –, das moças – pombagiras, – dos caboclos, dos exus, das escoras. Embora essas entidades possam influenciar ou mesmo eventualmente se comunicar com qualquer pessoa,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

é com aquelas que possuem um dom mediúnico – espiritual – que essas relações se aprofundam e se tornam perenes. As pessoas que desenvolvem e exercem esse dom, normalmente, assumem uma missão de ajuda ao próximo. Intermediando a relação dessas forças espirituais e divindades com o plano terreno, os capitães do moçambique as convocam para as funções que o terno realiza no reinado. Além das forças mencionadas, há também os “conjuntos”, plantas com status diferenciado, que muitas vezes coincidem com as próprias entidades – Pai Alecrim, Pai Arruda, Pai Guiné – e têm papel importantíssimo na guarda. A busca das forças e da proteção se dá na mesma medida em que, no sentido inverso, busca-se evitar as forças maléficas – inveja, mal olhado, olho gordo, maledicência – na guarda, como uma corrente, mas também nas pessoas, individualmente. Potencializadas também pela festa, elas são particularmente perigosas durante alguns rituais, notadamente a levantação e a descida dos mastros. As forças malfazejas fazem parte do mundo, mas, acima de tudo e de todos, existe Deus, Nossa Senhora do Rosário e as proteções divinas, que cuidam de mantê-las afastadas.

Uma pessoa central do Moçambique no que se refere ao equilíbrio das forças espirituais é Dona Lena. Embora, normalmente, não saia com o terno na rua para as funções externas e públicas, sem ela, e os papéis que desempenha, o Moçambique não sai. Considerada por alguns dançadores, especialmente os mais jovens, a mãe do terno, como chefe do terreiro possui uma responsabilidade central na espiritualidade da guarda, além de ser responsável por tarefas de ordem mais prática, como cuidar do fardamento e comunicar as pessoas dos compromissos, horários e locais de encontro etc.

A discrepância entre a riqueza da tradição e as dificuldades sócio-econômicas do povo dos congados, leva à proposição de que, para enfrentar esse momento em que “os fundamentos estão modificando muito” é preciso o fortalecimento do negro nos níveis cultural, social, econômico e político. Para enfrentar o afastamento de algumas festas da tradição, cumpre lembrar que rainha de reinado não é fantasia. Essa afirmação remete às diferenças no entendimento do termo “vestir” em Itapecerica; forma simplificada significando vestir de rei ou de rainha no reinado como festeiro, ou seja, rei eletivo. A família de Tonho Pretinho tem muita tradição na festa. Seu avô era capitão-mor da festa dos Lameus, seu pai, Geraldo Nascimento, foi o primeiro rei congo da festa da Boa Viagem e seu tio, Bastião Preto, levantou o Moçambique hoje sob comando de Tonho. E sempre alguém da família veste na festa da Boa Viagem, inclusive filhos e netos de uma irmã e de um irmão de Tonho Pretinho que moram em outras cidades, mas vêm para a festa todo ano.

Tinico, que é rei perpétuo de São Benedito na festa da cidade, saiu durante 8 anos como rei eletivo de São Benedito na festa da Boa Viagem. E suas explicações corroboram a concepção de Tonho Pretinho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Eu tive uma hérnia de hiato, que é na boca do estômago. Aí eu passei mal. De tanta dor fui internado. Aí eu fiz essa promessa: “se for uma coisa grave, se tiver que operar, eu vou vestir de rei 3 anos”. Operei, Nossa Senhora me ajudou e, graças a Deus, não tive mais nada. Eu fiz essa promessa pra eu sair de rei de São Benedito 3 anos, aqui na Boa Viagem. E já vai pra oito anos que eu carrego essa coroa, porque hoje pra achar um festeiro assim que goste é difícil. Lá na cidade, eu já sou rei perpétuo. O rei perpétuo, ele que manda a festa. Nós que somos obrigados a fazer a troca da coroa do rei e da rainha da coroa grande do próximo ano. Porque o rei grande é um ano só. Meu pai era rei perpétuo. Antes era primo do pai. Ele faleceu, passou pro meu pai. Antes dele morrer, ele já falou: “essa coroa não sai da família!” Porque nós já podia ter entregado a coroa. Aí é todo ano. Eu saio, meus outros irmãos, meus sobrinhos. Não pode sair da família (Tinico).

E a ideia de servir a Nossa Senhora comparece ainda na percepção de Dona Nenzinha a respeito do sentido de participar do terno de Moçambique.

Hoje tô trabalhando pra Nossa Senhora. Porque eu não falo dançar não. Eu trabalho pra ela de ano em ano com fé, com gosto e alegria. E acho muito bom. Quando às vezes ta terminando, eu sinto aquela tristeza, mas passa. Depois vem mais (Dona Nenzinha).

As diferenças de concepção entre os vários participantes do reinado podem ser tão grandes a ponto de integrantes dos mesmos rituais, na mesma hora e local, vivenciarem festas distintas. As diversas guardas, reis eletivos e reis congos e perpétuos, padres e grupos ligados a instituições religiosas, personalidades políticas, cada grupo confere um sentido distinto para os rituais da festa, de acordo com sua visão do mundo e seus interesses. Em razão disso, boa parte do que é aqui relatado a respeito da atuação e experiências junto à guarda de Moçambique simplesmente não existe ou não faz sentido para muitas guardas, festeiros e outras pessoas que acompanham a festa em Itapecerica.

A convivência de instituições, catolicismos e grupos sociais tão distintos na festa é constitutiva dos reinados. Deste modo, o congado – compreendido como forma social segmentada que inclui os vários ternos – não pode ser nem reduzido nem confundido com a festa, que é algo mais amplo. É importante

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

não perder de vista, ainda, as assimetrias e tensões presentes nestas relações constitutivas dos reinados: para além de uma vivência de cosmologias e realidades distintas – entre reis eletivos e integrantes do Moçambique, por exemplo – vige, historicamente, um preconceito dos estratos sociais mais elevados (e geralmente branco) contra práticas circunscritas à parcela pobre e negra da população.

Nesse contexto de várias festas na festa, o Moçambique do Tonho Pretinho se alinha às tradições mais antigas do Rosário, às origens da festa. Neste sentido, este terno é só aparentemente semelhante às demais guardas. As festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário na região mantiveram, em alguma medida, cantos, danças, ritmos e melodias tradicionais, apesar das tendências de descaracterização já mencionadas: importância exagerada dos trajes dos reis eletivos – o desfile de moda; cantorino voltado quase exclusivamente para agradar reis eletivos, geralmente de fora da comunidade congadeira, inclusive adaptando, em alguns casos, a letra de pagodes, axés ou canções sertanejas, aproximando os ternos de reinado a um bloco de carnaval.

O distanciamento da tradição é mais frequente nos ternos formados por congadeiros mais jovens, que têm, geralmente, mais contato com a cultura veiculada pela mídia e maior escolaridade que os integrantes do Moçambique do Tonho Pretinho. Alguns desses ternos costumam fazer mais sucesso com os reis eletivos, que, em muitos casos, também não tem vínculos com a origem africana da tradição e desconhecem em grande medida os sentidos espirituais originais da festa.

A resultante desses vetores é que os versos cantados nos cortejos pelos capitães vão também se distanciando da tradição. E isso vale tanto para os versos novos que vão sendo criados como para o conhecimento do sentido de boa parte dos versos antigos. A maioria dos capitães em atividade – vários deles jovens – são sinceros devotos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, bons músicos e cantores e, especialmente, grandes repentistas, mas foram perdendo ou sequer chegaram a ter o conhecimento dos fundamentos do Rosário.

Ainda que seja um enclave nas festas, ligado às suas origens africanas, o Moçambique do Tonho Pretinho pode servir de farol para os que quiserem navegar nessa corrente. Como medida de salvaguarda, busca-se a constituição de uma rede de apoio mútuo entre outros enclaves e faróis que permanecem, muitas vezes residualmente, nesse contexto de modificações no universo dos congados.

Exaltar as forças e as proteções divinas e ancestrais. Exclusivamente para este fim é que o Moçambique quer sair pelas ruas: tocando, cantando, dançando e, sobretudo, louvando.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Concepções híbridas e mestiças comparecem no entendimento que Tonho Pretinho tem da festa. “Para sair no Rosário”, o capitão explica que precisa invocar as proteções dos pretos velhos e dos caboclos, das matas e das águas. No sentido usado por Tonho Pretinho, o termo Rosário vai além do sentido da devoção católica canônica da reza do terço do rosário de Maria. Sua concepção do Rosário é inclusiva e incorpora histórias e sentidos que extrapolam a hagiografia católica oficial. Nossa Senhora do Rosário não é apenas a santa que apareceu para São Domingos de Gusmão (1170-1221), ensinando-o a rezar o rosário. É também aquela que apareceu para os negros, “na cidade de Angola” e, depois de muitas tentativas de párocos, banda de música, terno de vilão, terno de congada, decidiu acompanhar os pretos velhos, da guarda de moçambique.

Esses preto d’Angola, eles é lá da África. Então, a nossa senhora quando apareceu, ela foi encontrada numa água, numa pedra. Então, eles resolveram trazer a Nossa Senhora do Rosário pra igreja, pra ficar consagrada. Aí eles falou:

_ Como nós vai trazer a Nossa Senhora do Rosário?

_ Vamos lá com a banda de música.

Aí eles foi com a banda de música, mas Nossa Senhora não acompanhou, não. Aí eles falou:

_ Vamos fazer um terno de congada.

Aí, eles formou o terno de congada, mas a Nossa Senhora também não acompanhou, não. Aí falou:

_ Vamos fazer um terno de varinha.

Varinha é um vilão. Eles foram lá, dançou, dançou, pulou, bateu vara, bateu faca pra ela. Ela também não incomodou, não.

Aí, tinha uns preto velho da África e um falou assim:

_ Vamos formar um corte pra nós ir lá na Nossa Senhora do Rosário pra ver se ela acompanha nós?

Então esses preto velho, quando saiu pra visitar Nossa Senhora, uns passou a mão no zabumba, outros passou a mão na patangome, pra ir lá louvar a Nossa Senhora, pra ver se ela acompanhava eles. Aí um nego mais velho passou a mão na bengala, que é o bastão. Eles pôs o xique-xique no pé, pôs carapuça na cabeça,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

mala no cacunda e percata no pé. Esses nego tinha o calcanhar rachado, cabelo enrolado, nariz esborrachado.

Então, pra eles ir aonde que a Nossa Senhora estava, eles passou na cidade de Angola. Quando eles passou na cidade de Angola, foi uma novidade doida. Então, menino, cês sabe como é que menino é, né!? Menino chegava na janela, falava assim:

_ Ô, mamãe, vem cá ver uma novidade na cidade de Angola.

Elas saíram tudo correndo. Tinha mãe de família que deixava até panela de arroz queimar pra ver esses nego, chocalhinho nos pés. Pra ver eles na rua xique, xique, xique, que nem um cascavel quando bate chocalho. Então, aquilo lá foi um bismado.

Aí, quando eles chegou nas águas, que eles bateu, chacoalhou as gunga, chacoalhou a zabumba e aqueles nego pisou e o nego velho cantou, a Nossa Senhora ali deu uma continência. Aí eles cantaram pra ela. Cantou. Cantou um verso pra ela acompanhar os nego velho. Aí, ela acompanhou os nego velho até chegar numa igreja (Tonho Pretinho).

A noção do Rosário e da figura de Nossa Senhora apresentada pelo capitão Tonho Pretinho não é apenas diferente da canônica. Ela remete à novidade histórica criada no processo de adoção do catolicismo pela realeza e pela elite do Congo, no final do século XV, com a emergência de toda uma nova, complexa e dinâmica cosmologia.

Da mesma forma, Angola também não é uma referência geo-política concreta, com coordenadas precisas. Nas festas de coroação de reis congos comparecem tradições comuns a todo mundo banto, criando um elo entre a comunidade de negros e um passado idealizado, desprovido de particularidades históricas concretas. Os eventos ligados à história desses povos específicos são incorporados como símbolo de africanidade e a terra natal é vivenciada como lugar abstrato, geralmente um local de força espiritual. É o que se depreende de um canto do Deco no levantamento do mastro de São Benedito:

É São Benedito / que vai me guiar / pra levar no Angola / lá pro Angola que nós
vai voltar / pra guiar no Angola / lá pro Angola preto vai voltar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

E também de um canto do Tonho Pretinho, no percurso para cumprimentar o capitão-mor de uma festa:

Hoje eu sou um nego velho / hoje eu ando devagar / hoje eu tavo em Ngola / pois eu demorei chegar.

Em uma explicação sobre os sentidos e motivações que levam uma pessoa a fazer um voto para vestir de rei ou rainha, Tonho Pretinho dá uma aula sobre a complexidade desta nova cosmologia.

Porque talvez o sujeito tá numa hora de amargura aí. Alguma dor, um sofrimento da família, alguma coisa embarrancada. Talvez tá enrolado. Às vezes tá na escuridão. Aqueles que acreditam e aqueles que tem fé pedem pra Nossa Senhora iluminar o caminho deles, retirar aquela dor. Então, Nossa Senhora vai com o rosário dela no corpo daquela pessoa e retira aquele mal. E tem Nossa Senhora do Mar. É a sereia e a nossa mãe Iemanjá. Ela pega no seu rosário aqueles males e vai pra cachoeira e, da cachoeira, aqueles males vão de tombo a tombo. Vão até parar na mão de nossa mãe Iemanjá, a rainha do mar. E leva até o fundo do mar, onde tá aquela areia, aquela areia grossa. E aquele mal fica depositado lá. E de lá não sai mais.

No depoimento de Tonho Pretinho é difícil separar Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Mar e nossa mãe Iemanjá. E é impossível saber se são as três juntas, uma com a ajuda da outra, que retiram os males das pessoas com seu rosário, levando até o fundo do mar, ou se as três juntas são apenas uma e a mesma força, entidade, santidade ou divindade.

Na passagem, releva notar que Iemanjá – um orixá nagô – é originariamente num tutelador do Rio Ogum, que banha as cidades de Oyó, Abeokutá e Lagos, na Nigéria. Sua transformação, no Brasil, em orixá das águas do mar é possível influência da Quianda, espírito das águas atlânticas de Angola. Como indícios dessa sobreposição, temos as cerimônias do dia 2 de fevereiro (na Bahia, Porto Alegre e outros lugares) que seriam uma recriação do banquete propiciatório oferecido anualmente à Quianda ou Sereia em suas águas. A mesa posta na praia sobre esteiras, com os tambores anunciando à sereia e seu séquito que o banquete estava servido, e a presença de vinho doce e pentes identificando o caráter feminino da entidade são traços dos rituais de Luanda encontrados nas festas de Iemanjá, no Brasil.

Podemos ver aqui que essa nova cosmologia fundadora dos congados, no Brasil, passa a agrupar também elementos de distintas regiões e culturas da África com os elementos católicos, aumentando a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

complexidade já presente no encontro do catolicismo com a religião tradicional da região do Congo / Angola. Assim, uma dança de Iemanjá aparece na performance dos Congos de Santa Ifigênia, de Niquelândia – Goiás. E Leda Martins e o capitão João Lopes, da Irmandade do Jatobá, explicam que, em algumas comunidades negras em Minas Gerais, os congadeiros mais velhos saúdam Nossa Senhora do Rosário com a frase *undamba berê, berê, dionê de calunga uaiá*, que, num dialeto possivelmente derivado do quimbundo, significaria “mulher bonita, senhora das águas do mar”.

Alguns cantos do Moçambique do Tonho Pretinho também indicam o agrupamento dessas entidades:

Moçambiqueiro na beira do mar / como balanceia / quem canta na beira do mar / é
mãe sereia

Sereia / sereia / sereia vamos passear / sereia

Na beira do mar / na beira do mar / na beira do mar / a Nossa Senhora mandou me
chamar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

9.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO
1818	Ereção da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São Bento do Tamanduá. A festa do Rosário, provavelmente, já era celebrada na cidade em momento um pouco anterior a esta data.
1819	Auguste de Saint-Hilaire (Viagem às nascentes do São Francisco e pela Província de Goiás) dá notícia de que “Tamanduá possui três igrejas; S. Francisco de Paula; a igreja parochial, dedicada a São Bento; a do Rosário; e, além destas, duas pequenas capelas; mas nenhum desses edifícios merece referências.” A indicação de Saint-Hilaire, somada à notícia, no capítulo XV do compromisso da irmandade, dos esforços para o aumento da capela, deixa claro que a igreja do Rosário hoje existente é de período posterior. Assim como as outras duas, uma vez que as construções atuais são todas merecedoras de alguma referência.
1925	Decreto episcopal do bispo de Belo Horizonte proíbe a realização da festa do reinado no interior da Igreja do Rosário. A proibição leva à interrupção da festa na cidade.
1948	Retomada da festa para angariar recurso destinados à restauração do teto da igreja
1972	Criação do Reinado da Boa Viagem. Na mesma ocasião são levantados o terno de vilão e o de moçambique do bairro.
1976	Com a saída do capitão Bastião Preto, o comando do moçambique passa para seu sobrinho, Tonho Pretinho.
2016	Tonho Pretinho completa 40 anos a frente do Moçambique, que hoje é mais conhecido por seu nome.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Não se aplica

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Não se aplica	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Capitão e dono do terno	Tonho Pretinho é o capitão e o dono do Moçambique. Para além das tomadas de decisão – como a definição de em quais festas o terno vai – é ele o responsável pela sustentação espiritual da guarda, de todos seus dançadores, assim como dos reinados pelos quais seu Moçambique é responsável. É importante destacar aqui que existe uma diferença crucial entre o capitão de moçambique “completo” – aquele que possui um dom mediúnico e é capaz de se comunicar com guias, escoras e espíritos, além de sentir e ver as forças circundantes – e aqueles capitães que sabem embaixar ou cantar versos. Estes ajudam Tonho Pretinho com o cantório. A responsabilidade espiritual, no entanto, é dele e de Dona Lena, sua companheira, mãe do terno e chefe do terreiro. Deco, segundo-capitão, também é médium e está aprendendo, com Tonho Pretinho, a ser um capitão “completo”.
Mãe do terno	Dona Lena, esposa de Tonho Pretinho, é a chefe do terreiro e a mãe do terno. Para além das responsabilidades de ordem mais prática – como cuidar do fardamento e do calendário de festas dos quais o Moçambique participa –, ela tem papel fundamental na sustentação espiritual da guarda, assim como nos trabalhos de benzeção e cura espiritual que são realizadas em seu <i>injó</i> .
Capitão	Deco, segundo-capitão, é médium e está aprendendo, com Tonho Pretinho, a ser um capitão “completo”. Ele o ajuda na sustentação espiritual da guarda e do reinado, assim como nos trabalhos de benzeção e cura espiritual que são realizadas no <i>injó</i> de Dona Lena e Tonho Pretinho. Os demais capitães – Chicão, Juranda, Rogério e Luiz Otaviano – atuam mais na dimensão musical da guarda, criando versos.
Bandeireira	É a responsável por levar a guia do Moçambique do Tonho Pretinho, a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Dona Esmeraldina é a principal responsável por essa função. Eventualmente ela é ajudada por Baiano.
Meirinho	Marcelo, sobrinho de Dona Lena e de Tonho Pretinho, é o meirinho do Moçambique. A amargosa, cachaça preparada com os conjuntos, fica sob sua responsabilidade quando o terno está nas funções públicas: é ele quem a distribui quando julga necessário ou sob orientação de Tonho. Também fica com ele o álcool concentrado. Marcelo é responsável igualmente por estar atento aos movimentos da guarda, sobretudo em locais com trânsito de carros e nos cortejos onde concentram muitas guardas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

Dançadores	Os dançadores do Moçambique integram o cordão, formando a corrente do Moçambique. Além dos integrantes do coro – que fazem a resposta dos cantórios – aqui também se incluem os caixeiros, os tocadores dos patangomes, da sanfona e das campanhas.
------------	---

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Café / lanche Antes dos dias da festa, o Moçambique do Tonho Pretinho realiza visitas aos reis e rainhas congos, perpétuos e aos festeiros do ano. Em algumas destas visitas, é servido um lanche, cujo cardápio fica a critério do dono da casa. As opções mais comuns são pão com molho de carne moída com tomate, salgadinhos (quibe, empada, pão de queijo), biscoito de polvilho ou mesmo uma galinhada ou feijão-tropeiro. Também são servidos café, água e refrigerante.
QUEM PROVÊ	OS DONOS DA CASA – REIS CONGOS, PERPÉTUOS OU FESTEIROS – SÃO RESPONSÁVEIS POR ESTA REFEIÇÃO.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O CAFÉ / LANCHE TEM SENTIDO DE AGRADO E RETRIBUIÇÃO PELA VISITA. É UM MOMENTO TAMBÉM DE CONFRATERNIZAÇÃO COM OS DONOS DA CASA E FAMILIARES E AMIGOS PRESENTES. TAMBÉM É MOMENTO PARA COMBINAR DETALHES DO CORTEJO VINDOURO.

10.6.2. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO: Almoço / jantar

No sábado e no domingo do Reinado da Boa Viagem (assim como em outros reinados da região de Itapecerica) é servido um almoço para todos os ternos. O cardápio geralmente inclui: arroz, tutu tonto

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

(temperado com cachaça), macarronada, farofa, frango, carne moída com batata etc, podendo variar a critério do provedor.

As bebidas servidas são, normalmente, água, refrigerante, vinho e a “famosa cachaça”, segundo Vitor, dançador do Moçambique.

QUEM PROVÊ: Geralmente os almoços são oferecidos pelos festeiros do ano, embora não seja uma regra. Quando estes não podem provê-lo, a diretoria da festa se encarrega de levantar fundos e doações para garantir a refeição. As pessoas que trabalham na preparação da comida geralmente são devotas de Nossa Senhora do Rosário e têm bastante apreço pela festa.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Vitor assim explica: “Geralmente o festeiro do ano não é obrigado a dar o famoso almoço de reinado, mas aquele festeiro que gosta de dar o almoço, ele simplesmente não está alimentando pessoas, mas sim os filhos da Virgem do Rosário que, com seus cantos e louvores, saúdam a Virgem do Rosário. Esses almoços acontecem nas casas dos festeiros, salões de festas etc. Os preparativos do almoço começam bem cedo, porque os ternos começam a chegar na parte da tarde. Talvez não podemos dizer almoço, mas sim jantar! Porque até que eles chegam, cantam para o festeiro e o festeiro libera para eles almoçarem, já é tarde. Por isso uns falam que é almoço e outros falam que é jantar.”

As refeições dos reinados fazem parte das atribuições dos festeiros e têm um sentido de comunhão e de reforço dos laços entre os membros da comunidade pelas trocas estabelecidas. Além disso, devotos e pessoas que alcançaram graças também podem ofertar estas refeições – ou parte delas – como cumprimento de promessa ou agradecimentos pelas bênçãos recebidas.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.	
DESCRIÇÃO	BANDEIRA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. É A GUIA DO MOÇAMBIQUE DO TONHO PRETINHO E VAI SEMPRE À FRENTE DO GRUPO.
QUEM PROVÊ	O próprio terno de Moçambique. Pode, eventualmente, ser presenteada por algum devoto mestre no ofício de corte e costura, bordados etc. ou que compra a bandeira.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A BANDEIRA É A GUIA DO GRUPO. DONA ESMERALDINA, RESPONSÁVEL POR CARREGAR A BANDEIRA, NOS EXPLICA: “O TERNO NÃO PODE ANDAR À FRENTE DA BANDEIRA. A BANDEIRA QUE TEM QUE ANDAR NA FRENTE DELES, PORQUE ELA É A GUIA. ELA QUE ABRE O CAMINHO, ELA É A PROTEÇÃO DOS TERNOS.”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.7.2. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO: Bastões. São feitos de madeira, normalmente redondos, com altura e, torno de 80 cm e diâmetro de 3cm. Têm ornamentos diversos.

QUEM PROVÊ: Alguns bastões são preparados pelos próprios capitães do Moçambique. Outros foram preparados em outros contextos e, de acordo com suas trajetórias, chegaram até os capitães com quem estão atualmente.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Os bastões têm um papel muito importante na proteção do Moçambique. Deco, segundo capitão da guarda, explica que: “O bastão, muita gente acha que é um pedaço de pau. É um pedaço de pau, mas aquele pedaço de pau tem um dono. Esse pedaço de pau foi preparado. Vamos supor, se é moçambique, foi preparado por um moçambique; preparado por ele. Vamos supor, o Pai Benedito, o Pai Benedito tá aí, é dele. Aí, pra pegar o bastão, ele tá junto. Por exemplo, quando a gente vai sair, a gente pega o bastão e, só de você pegar ele, você já nota a diferença. Ele pesa, ele costuma até querer escorregar da mão da gente. Eles ficam quietinhos ali. É deles. Na hora que você pega ele ali, ele sabe que você lá vai sair com ele. Lá vai passear, cantar. Aí pra eles é uma maravilha! Tem uns que você tem que por até pinga neles. Porque tem uns Pretos Velhos que gostam de uma cachaça.”

10.7.3. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO: GUIAS E ROSÁRIO

QUEM PROVÊ: OS PRÓPRIOS CAPITÃES E DANÇADORES DO MOÇAMBIQUE

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: As guias e o rosário são utilizados pelos capitães para protegê-los, fechando seus corpos. Cada cordão ou guia de contas (com características específicas) está associado a um guia espiritual – preto velho, caboclo – ou uma escora. Tonho Pretinho, Deco e Juranda, também costumam usar o cordão de São Francisco.

10.7.4. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO: COROA CONGA

QUEM PROVÊ: A coroa de Dona Marcelina, rainha conga do Reinado da Boa Viagem, foi entregue a ela há quase trinta anos. Desde então ela fica guardada em uma caixa em sua casa, de onde sai apenas nos dias de cortejo na Boa Viagem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Nas sociedades centro-africanas na época do tráfico de escravos, era responsabilidade dos reis e rainhas cuidar da bem aventurança do grupo, garantindo a harmonia da vida nesta esfera física / natural, o que se fazia na esfera religiosa pela conjuração dos bons espíritos e invocação dos ancestrais protetores. Esta função de líder religioso, que implica o poder de comunicação entre o mundo físico / natural e o sobrenatural, dos espíritos e entidades, benévolas e malévolas– mundos deveras próximos na cosmologia banta com enorme influência do segundo sobre o primeiro–, também é um atributo dos reis, que conservam parte das prerrogativas dos feiticeiros, sacerdotes, xamãs etc. Este poder dos reis é comunicado às insígnias da realeza, que passam a ser igualmente veneradas. Há ainda o papel tradicional de liderança que os reis negros e reis do Congo exerciam sobre a população negra – escrava, liberta ou livre – no período da colônia e do império, cuja reminiscência se faz presente na festa. Tonho Pretinho assim explica: “Muita gente acha que a coroa grande é aquela do rei grande, agora, no meu ver, a coroa maior do reinado é a coroa conga. Porque os Pretos quando fundaram essa festa no Brasil, o primeiro rei, a primeira rainha, a primeira coroa que caiu no rosário foi a coroa conga. Foi a coroa conga que veio primeiro, pra fazer essas festas dos negros, pra cumprir todas as missões.”

10.7.5. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO: AMARGOSA E ÁLCOOL CONCENTRADO

QUEM PROVÊ: A amargosa e o álcool concentrado são preparados por Tonho Pretinho e Dona Lena, com o uso dos *conjuntos*, como o cipó caboclo e Pai Guiné.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: A amargosa e o álcool concentrado são fundamentais na proteção do Moçambique do Tonho Pretinho. Os capitães os distribuem entre todos os dançadores durante o fechamento do terno. E, durante algumas situações na festa são novamente utilizados. O álcool concentrado tem grande relevância nos rituais de levantamento e descida dos mastros. Segundo Rafael, integrante do Moçambique, utiliza-se “o álcool para afastar as más influências e a pinga [amargosa] para atrair as proteções divinas”. Deco, segundo capitão, explica: “A amargosa ajuda a compor o fechamento do terno. Faz parte com a oração, os pedidos e o álcool. Porque os pretos velhos gostam de beber uma pinga preparada, uma amargosa. Aí na hora que tá repartindo, é a mesma coisa que tá dando a ele também. Ajuda a fortalecer. O álcool mais é pros caboclo. Chama álcool concentrado, pra livrar da dor de cabeça, da dor no corpo.”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Vitor, integrante do Moçambique, explica que geralmente cada terno é composto por seus figurinos e adereços, que marcam sua especificidade. No caso do terno do Moçambique, a farda é composta por camisa, calça, saia e o turbante: “de longe você já sabe que é um terno de Moçambique por causa das saias e dos turbantes!”. Para Vitor, “o terno do Moçambique veste cores vivas e chamativas por causa da alegria de serem libertados naquela época. Por isso eram essas roupas chamativas que significa alegria, liberdade, cativo acabou, somos livres.” Esta é uma especificidade da região. Em outras, o moçambique tem predileção pelas cores brancas e azul ou vinho. Capitães e dançadores usam roupas diferenciadas, no intuito de marcar a distinção entre eles. Cada capitão, continua Vitor, deve andar ainda “com seus adereços, que são: bastão, apito, guias, que são suas proteções durante a festa do Rosário. O bastão e os guias são as peças mais importantes que cada capitão deve carregar consigo porque tudo que é mandado para o terno é passado pelo bastão e as guias. É como um escudo do terno (...) OS DANÇADORES TAMBÉM TÊM SEUS ADEREÇOS, COMO TERÇOS, MEDALHAS E GUIAS.
QUEM PROVÊ	ATUALMENTE É DONA LENA, MÃE DO TERNO E ESPOSA DE TONHO PRETINHO, QUEM CUIDA DAS FARDAS. É ELA QUE DECIDE QUAL FARDAMENTO SERÁ USADO EM CADA DIA DA FESTA E SE ENCARREGA DE COMUNICAR TODOS OS DANÇADORES. TAMBÉM É ELA QUEM RECOLHE, LAVA E GUARDA AQUELAS FARDAS QUE NÃO PERTENCEM A DANÇADORES EM PARTICULAR (PERTENCEM AO GRUPO E SÃO EMPRESTADAS ÀQUELES DANÇADORES MENOS ASSÍDUOS).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A FARDA É UM TRAJE RITUAL, QUE MARCA A SOLENIDADE DAS FUNÇÕES DA FESTA E AS SEPARAM DOS EVENTOS CORRIQUEIROS, COTIDIANOS. A VESTIMENTA É UM DOS ITENS QUE AUTORIZA O INDIVÍDUO A ASSUMIR SEU PAPEL NO GRUPO, ASSIM COMO CONTRIBUI PARA A INSTAURAÇÃO DA CORRENTE DO MOÇAMBIQUE.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.9. DANÇAS**DESCRIÇÃO**

O Moçambique do Tonho Pretinho não possui coreografias definidas. No entanto, os dois ritmos que a guarda executa – moçambique e samba – acabam influenciando nos movimentos dos dançadores, assim como no batido das gungas – que não deixa de ser uma dança. Vitor, integrante da guarda, explica: “As danças do Moçambique geralmente são em duas toadas, ou seja, em dois ritmos: o samba e o moçambique. O samba tem um ritmo mais acelerado, mais animado. Já o Moçambique é um ritmo mais lento, quase parando, mais macio de se dançar. Dentro do terno não fica ninguém sem dançar: todos dançam. Agora tem aqueles que tem mais experiência em dançar! Para aprender a dançar é só você seguir o ritmo do batido das caixas. É simples. Não tem muito segredo em dançar o Moçambique. No meu caso eu aprendi a bater campanha com meus tios – Deco e Tinico –que também dançam no terno de Moçambique. Eu aprendi vendo eles dançarem: vendo um dia eles dançarem falei para mim mesmo: eu vou dançar assim um dia! Até que esse dia chegou e eles foram me ensinando e até hoje me ensinam.”

Existe um movimento que, embora não seja considerado exatamente uma dança, é feito por todo o grupo, com passos bem marcados. É a meia-lua. Quando o terno se vê diante de uma encruzilhada, executa-se este movimento: as duas filas, tendo as caixas em cada uma das pontas, caminham em círculo, em sentidos opostos. A bandeireira e os capitães ficam no centro do círculo que é formado pelo movimento dos dançadores. Ao final do movimento, os dançadores retornam às suas posições de origem. Enquanto as filas se movimentam, os capitães, sem os chapéus, fazem o sinal da cruz e batem os bastões no chão.

QUEM EXECUTA

Todos os integrantes do Moçambique

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A louvação aos santos e entidades por meio de cantos e danças, conduzidos pelo ritmo das caixas e outros instrumentos percussivos, é típica das manifestações afro-brasileiras. Trata-se de uma devoção conduzida pelo canto e pela dança. Os moçambiqueiros trabalham para Nossa Senhora do Rosário cantando e dançando. Além disso, os pretos velhos, entidades fundamentais no Moçambique do Tonho Pretinho, apreciam bastante cantar e dançar: quando estão no meio do terno acham “uma beleza!”, explica Deco, segundo capitão da guarda. Com relação à meia-lua, o capitão explica que: “Toda encruzilhada tem um dono e tem muita gente que faz trabalho nas encruzilhadas. Para você atravessar você tem que pedir permissão para o dono, é onde a gente faz a meia-lua. A maioria dos capitães para no centro, bate o bastão e pede licença pra poder passar, porque se não pedir ele entra no terno e atrapalha.”
-----------------------------	---

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	A música e os cantos são fundamentais na manifestação e exercem papel central na devoção e na intermediação com o plano do sagrado. Por meio deles, Tonho Pretinho e seu Moçambique acessam a esfera do divino, louvam os santos e se comunicam com os espíritos dos ancestrais e com as entidades protetoras. Também é por meio dos cantos que o capitão se comunica com os reis e rainhas do congado e com os demais festeiros e devotos. Alguns cantos, específicos para determinadas situações, serão apresentadas em seguida. Com exceção do canto para fechar o terno, serão apresentados apenas refrões (partes que o coro repete a cada embaixada do capitão). Para cantos integrais, contendo os versos dos capitães, ver o CD <i>Moçambique do Tonho Pretinho</i>, que integra a publicação <i>Na Angola tem: Moçambique do Tonho Pretinho</i>.
QUEM PROVÊ	Capitães, dançadores, pretos velhos e caboclos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Durante a evolução do Moçambique o capitão puxa os versos e os demais componentes respondem em coro um refrão proposto pelo capitão. Esta estrutura do canto é a modalidade mais comum da forma “canto solo / resposta coral” e uma marca distintiva das tradições de origem africana, presente também no jongo, no samba de roda, no partido alto: imersos na música por vários dias, os capitães vão tirando os versos para as diversas funções da festa. Embora concentrado no capitão, o poder do canto depende também, em grande medida, da união de todos, para que a sintonia do grupo possibilite o fluxo da energia que firma a corrente, os elos do rosário. A prática musical coletiva sincroniza os tempos internos das pessoas pelas marcações dos instrumentos de percussão e pelo canto coletivo. Os versos são tirados no momento, apropriados para cada situação, mas estão além do improviso. Juranda, capitão do Moçambique, explica: “Esse negócio da pessoa ver aquilo que está acontecendo, isso não está na gente, não. Principalmente a pessoa que vai cantar uma música no reinado, tem hora que ele está cantando, com pouco vem aquele outro verso na cabeça dele para ele poder cantar e ele vai e canta aquele verso. Então, isso vem é de repente assim. Porque é pelos guias que a gente tem que vem o reforço pra gente, dá aquela demonstração pra gente. Então, aquilo vem pelo dom. O dom da sabedoria, o dom que Deus dá para ele e o dom que os pretos velhos e os caboclos dão pra ele. Porque, se ele não tiver o dom, ele não faz nada.”
---------------------------------	--

10.10.2. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO: Canto para fechar o terno

Nas horas que Deus começa/ Pai, Filho e Espírito Santo / Nas horas que Deus começa / Quero começar também / Eu vou pedir São Benedito / Livra os mal que vier

Meu São Benedito / Peço a Vossa proteção / Sempre nas horas de Deus / Abençoar os meus irmãos

Senhora do Rosário / Peço a Vossa proteção / Milagre que vem do céu / Vem fechar nosso cordão

Eu tô fechando meu cordão / No momento, nessa hora / Eu tô pedindo São Benedito / E a Virgem Nossa Senhora

Ô Senhora do Rosário / Ô Virgem Santa Efigênia / Eu peço por caridade / Vêm fechar nossa corrente

Ô meus irmãos / Ô meus irmãos / Se tudo que é bom eu guardo na cachola / Tudo que é ruim eu pego e jogo fora

Eu pego e jogo fora / Tudo que é ruim eu pego e jogo fora

Pois tudo que é ruim / Pois eu pego e jogo fora

Eu jogo mais bem pra longe / E pra ninguém poder achar

Todos mal que vier, ah leva pras ondas do mar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

*De todos mal que vier / E vai para as ondas do mar / Onde está nossa sereia / E a nossa mãe Iemanjá
Eu tô rezando minha oração / Com Jesus que está na cruz / Que me livra todos mal/ E tira todos os encruzos
Eu tô rezando minha oração / Ô minha Santa padroeira / Que me livre de todos mal / Que tiver em todas porteiras
Ê São Benedito / São Benedito fecha sete portas / São Benedito abre sete portas / São Benedito sete cadeados / São Benedito tem sete chaves / São Benedito feche nosso corpo / São Benedito feche nosso corpo / São Benedito jogou chave fora / A pois eu quero saber: / Quem vai achar ela aqui agora?
Viva o Rosário de Maria!*

QUEM PROVÊ: Tonho Pretinho, dançadores, pretos velhos e caboclos.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: O CANTO, JUNTO DOS MOVIMENTOS, OBJETOS E ORAÇÕES RITUAIS, TEM O PODER DE FECHAR A CORRENTE DO MOÇAMBIQUE. O RITUAL DE FECHAMENTO DO TERNO INSTAURA UM CORDÃO ENTRE OS DANÇADORES.

10.10.3. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO: CANTOS EXECUTADOS NOS CORTEJOS / PARA CONDUZIR AS COROAS

* *ESSA GUNGA FOI FORMADA PRA PUXAR COROA / ESSA GUNGA FOI FORMADA PRA PUXAR COROA*

* *VAMO SIMBORA, GENTE. AQUI NÃO FICA NINGUÉM / VOU LEVAR REI E RAINHA, QUEM QUIZER VAMO TAMBÉM*

QUEM PROVÊ: CAPITÃES, DANÇADORES, PRETOS VELHOS E CABOCLOS.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: ESTES CANTOS SÃO EXECUTADOS DURANTE OS CORTEJOS, QUANDO O MOÇAMBIQUE ESTÁ CONDUZINDO REIS E RAINHAS. TAMBÉM PODEM SER ENTOADOS QUANDO A GUARDA ENCONTRA COM A RAINHA (OU REI) – EM SUA CASA OU NO CONVENTO – E DEVE SAUDÁ-LA ANTES DE DAR INÍCIO AO CORTEJO.

10.10.4. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO: CANTOS PARA GUIAS.

* *A PEDRA ROLOU LÁ NA LADEIRA / A PEDRA ROLOU LÁ NA LADEIRA / SEGURA, PRETO VELHO, O MEU PAI DA CACHOEIRA / SEGURA, PRETO VELHO, O MEU PAI DA CACHOEIRA*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

* *A VOVÓ NÃO QUER CASCA DE COCO NO TERREIRO / FAZ LEMBRAR DO TEMPO DO CATIVEIRO*

QUEM PROVÊ: CAPITÃES, DANÇADORES, PRETOS VELHOS E CABOCLOS.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: É COMUM, DURANTE AS VÁRIAS ETAPAS RITUAIS DA FESTA, QUE OS GUIAS, NOTADAMENTE PRETOS VELHOS E CABOCLOS, ESTEJAM PRESENTES. EM MUITOS MOMENTOS, INCLUSIVE, SÃO ELES QUE, POR MEIO DOS CAPITÃES, CANTAM E DANÇAM. ASSIM, OS CAPITÃES, AO SENTIREM OU VEREM ESTAS ENTIDADES, PODEM PUXAR UM CANTO PRA ELES.

10.10.5. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO: CANTO PARA LEVANTAMENTO E DESCIDA DOS MASTROS

* *QUE SANTO É ESSE, QUE VEM AGORA? / QUE SANTO É ESSE, QUE VEM AGORA? / É SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA / É SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA*

* *O DIA DE HOJE É UM DIA TÃO BONITO / VOU PEDIR A TODO SANTO, FESTEJAR SÃO BENEDITO*

* *MANDOU ME CHAMAR, MANDOU ME CHAMAR / A VIRGEM MARIA MANDOU ME CHAMAR*

QUEM PROVÊ: CAPITÃES, DANÇADORES, PRETOS VELHOS E CABOCLOS.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: SÃO CANTOS ENTOADOS GERALMENTE DURANTE AS PROCISSÕES QUE CONDUZEM AO LEVANTAMENTO E À DESCIDA DAS BANDEIRAS DOS MASTROS, ASSIM COMO NOS MOMENTOS DE LEVANTAR E DESCÊ-LAS. FAZEM REFERÊNCIA AOS SANTOS HOMENAGEADOS NA FESTA – E QUE ESTÃO NOS REGISTROS.

10.10.6. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO: CANTOS DE LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

* *VAMOS NO ROSÁRIO DE MARIA / VAMOS NO ROSÁRIO DE MARIA / VAMOS ESQUECER O PASSADO MEUS IRMÃOS / VAMOS VIVER UM NOVO DIA*

* *É NA BEIRA DO MAR, NA BEIRA DO MAR / É NA BEIRA DO MAR QUE NOSSA SENHORA MANDOU ME CHAMAR*

* *BEIJA-FLOR / TOMA CONTA DO JARDIM / VOU PEDIR NOSSA SENHORA / PRA TOMAR CONTA DE MIM*

* *Ô, MÃE, NÃO DEIXA SEU FILHO CHORAR / NÃO DEIXA A COROA CAIR / NÃO DEIXA O REINADO ACABAR*

QUEM PROVÊ: CAPITÃES, DANÇADORES, PRETOS VELHOS E CABOCLOS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: SÃO CANTOS DE LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

10.10.7. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO: CANTOS QUE FALAM DOS SENTIDOS, HISTÓRIAS E SIGNIFICADOS DO REINADO.

* *ESSA TERRA TEM COROA / ESSA TERRA TEM BANDEIRA. / A SENHORA DO ROSÁRIO / É A NOSSA PADROEIRA*

* *Ô, INGOMA, ESSA INGOMA CHORA / ESSA INGOMA CHORA / MOÇAMBIQUEIRO QUE VEM LÁ DA ANGOLA*

* *NO TEMPO DO CATIVEIRO / QUANDO O SENHOR ME BATIA / EU GRITAVA POR NOSSA SENHORA, MEU DEUS / QUANDO A PANCADA DOÍA.*

* *NA ANGOLA TEM, NA ANGOLA TEM / OLHA QUE BELEZA, NA ANGOLA TEM*

* *A SENHORA DO ROSÁRIO / QUE ME TROUXE AQUI / AS ÁGUAS DO MAR É SANTA / EU VI, EU VI, EU VI*

(ESTES DOIS ÚLTIMOS CANTOS FORAM ENSINADOS POR PAI BENEDITO)

QUEM PROVÊ: CAPITÃES, DANÇADORES, PRETOS VELHOS E CABOCLOS.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: ESTES CANTOS TRAZEM TEMAS QUE CONTAM AS HISTÓRIAS E OS SENTIDOS DO REINADO, SOFRIMENTOS DO TEMPO DO CATIVEIRO, DA DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. SÃO ENTOADOS EM DIVERSOS MOMENTOS DA FESTA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Caixa. O Moçambique do Tonho Pretinho utiliza duas caixas. Instrumento cilíndrico de madeira, com diâmetro de mais ou menos 50 cm de largura, por 60 de profundidade, com couro nas partes superior e inferior, dando assim, um som mais grave. São percutidas com duas baquetas.
QUEM PROVÊ	CHICÃO, CAPITÃO DO MOÇAMBIQUE, FEZ AS CAIXAS QUE A GUARDA UTILIZA ATUALMENTE. ELE TAMBÉM REPAROU AS CAIXAS MAIS ANTIGAS DO TERNO.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	SUA FUNÇÃO É MARCAR O RITMO (OU COMPASSO) PARA OS OUTROS INSTRUMENTOS. NOS CORTEJOS, AS CAIXAS VÃO À FRENTE. AS CAIXAS, TAMBÉM CHAMADAS DE NGOMAS, SÃO FUNDAMENTAIS NA CONEXÃO COM A ESPIRITUALIDADE, OS GUIAS E ANCESTRAIS – ASSIM COMO O TAMBOR NO JONGO E NO CANDOMBE. NOS CANDOMBES, PRESENTES EM ALGUNS REINADOS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, OS TAMBORES CONSTITUEM, ALIÁS, ABRIGO DOS ANTEPASSADOS.

10.11.2. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO: Patangome. O Moçambique do Tonho Pretinho utiliza quatro patangomes, situados de dois em dois, logo atrás das caixas.

São chocalhos em forma circular, com aproximadamente 14 cm de diâmetro e 6 de altura, e são tocados com as duas mãos.

QUEM PROVÊ: Os patangomes foram feitos por um artesão da região e pertencem ao Moçambique.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Sua função é o acompanhamento das caixas, auxiliando a manutenção do ritmo.

10.11.3. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO: Sanfona ou acordeão.

QUEM PROVÊ: A sanfona foi adquirida há bastante tempo e pertence ao Moçambique.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Fornecer a base harmônica para cantos do capitão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.11.4. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO: Campanha (gunga). São chocalhos pequenos, presos a correias de couro, que são, por sua vez, amarradas nos tornozelos dos dançadores. São feitas de latinhas com contas de lágrimas ou chumbinho em seu interior.

QUEM PROVÊ: O Moçambique do Tonho Pretinho possui algumas campanhas, que são eventualmente emprestadas para algum dançador. No entanto, é mais comum que cada dançador tenha seu próprio par de campanhas, geralmente adquirido de artesãos da região.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Emite um som que se assemelha ao patangome, auxiliando na percussão. São usadas nos tornozelos dos dançadores. É um instrumento muito característico das guardas de Moçambique. Tonho Pretinho faz referência a elas nos depoimentos que contam a história da aparição de Nossa Senhora do Rosário e a formação do terno de Moçambique pelos pretos velhos: estes teriam amarrado as “canequinhas” nos pés para irem louvar a santa.

10.11.5. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO: APITO.

QUEM PROVÊ: Tonho Pretinho possui um cordão com um apito. Ele passa este cordão aos demais capitães quando estes assumem o cantório.

FUNÇÃO / SIGNIFICADO: Instrumento usado pelo capitão no comando do Moçambique. Além de servir para chamar a atenção do grupo, também dá as indicações de qual ritmo será executado e o início e fim dos cantórios.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Dona Lena	Depois de encerrada cada festa que o Moçambique do Tonho Pretinho participa, Dona Lena lava e guarda as fardas que ficam sob sua responsabilidade. Também é ela que guarda os

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

	instrumentos musicais e bastões. Quando o Moçambique encerra a última festa do ano, ela guarda, de maneira especial, a bandeira do terno. Dona Lena, mãe espiritual do Moçambique e chefe do terreiro, também cuida do fechamento espiritual após cada festa.
Diretoria do Reinado da Boa Viagem	A Diretoria da festa é responsável por organizar os espaços utilizados durante o reinado. A iluminação montada para a ocasião é desmanchada, o palanque (e toda estrutura de som) é desmontado e o convento volta a ser apenas um salão comum.
Donos das barracas	Os donos das barracas montadas para os dias da festa desmontam-nas e seguem viagem para outros eventos. O mesmo ocorre com o responsável pela Barca, brinquedo tradicional no Reinado da Boa Viagem.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO NÃO SE APLICA

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☐ TROCA ☐ OUTRO ☐ ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☐
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

O Moçambique do Tonho Pretinho não integra nenhuma cooperativa ou associação formal. No entanto, ele é o Moçambique responsável pelo Reinado da Boa Viagem, cuja diretoria vem tentando regularizar a situação formal de uma associação de direito privado com finalidades culturais. Com isso ela voltaria a apta a receber recursos da prefeitura para ajudar na realização da festa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

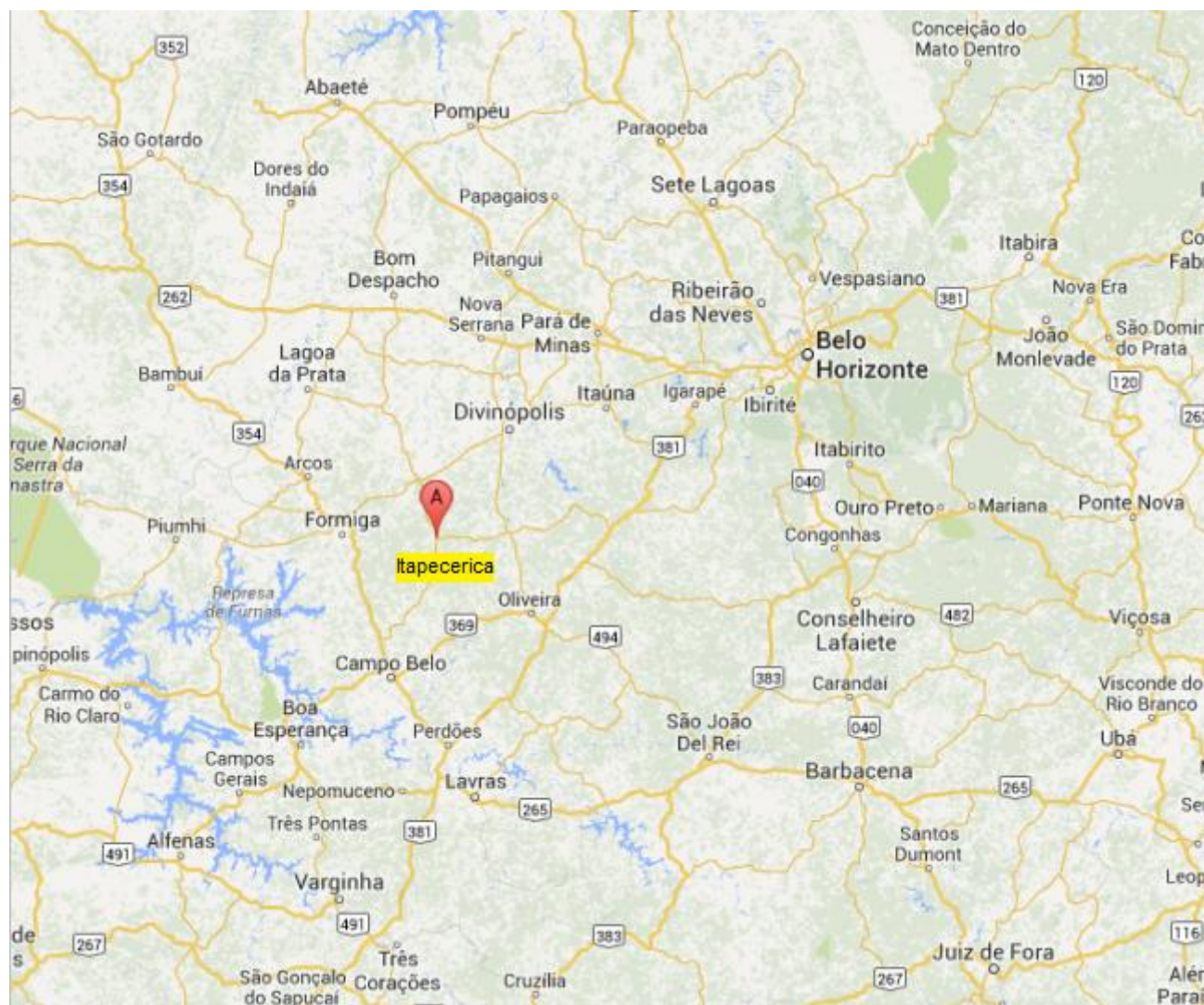
--

F40

--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Folia de Reis do Tonho Pretinho	Tonho Pretinho também é embaixador de Folia de Reis. Nas palavras de Edna, caixeira do Moçambique, “o terno do tio Tonho é dois em um”: parte dos dançadores do Moçambique também integra a folia. E não tem nenhum integrante da folia que não seja do Moçambique. A Folia de Reis do Tonho Pretinho costuma girar nos fins de semana do período natalino (24/12 a 06/01), cumprindo promessas de devotos e a convite de pessoas da região. Também participa do encontro de folias da igreja de N. Sra. das Graças, no final de maio.

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

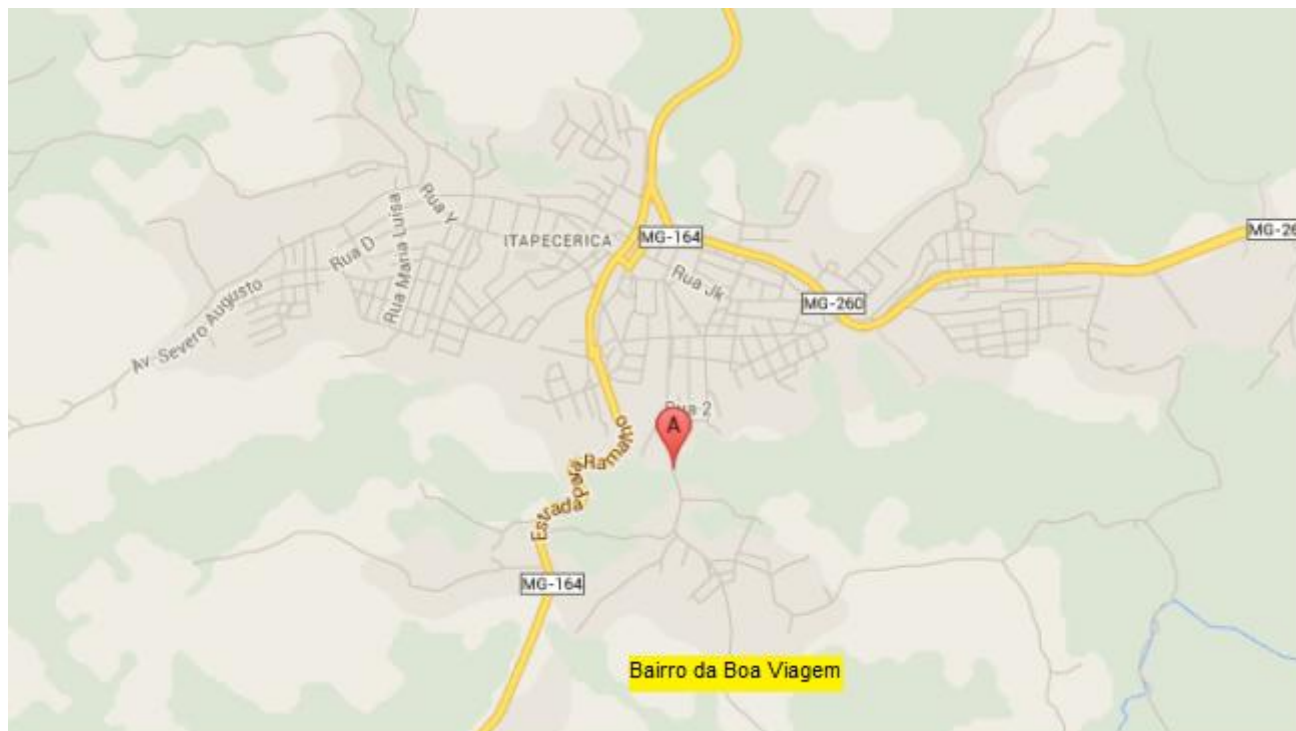
--

--

--

F40

--



FONTE: GOOGLE MAPS

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São Bento do Tamanduá (1818)

GIFFONI, MARIA AMÁLIA CORRÊA. *REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA*. SÃO PAULO: ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA DO BRASIL, 1989.

PAZ, ANTÔNIO CARLOS FARIA; ARAÚJO, CÉLIA LAMOUNIER DE; SILVA, SEVERO RIBEIRO DA; D'ALESSANDRO, ANIELO. O GRANDE REINADO DO ROSÁRIO: ITAPECERICA – MG. EM: *O TAMANDUÁ DESAPARECIDO*, ANO 1, N. 1, AGOSTO DE 2012.

REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA: DA FESTA E DOS MISTÉRIOS. LIVRETO (64 p.) E ENCARTE (28 p.). BRASÍLIA: VIOLA CORRÊA, 2005

VIANA, TALITA. *CONGADOS, CAPITÃES E CURADORES: MALES, PROTEÇÕES E PRÁTICAS DE CURA EM ITAPECERICA – MG*. DISSERTAÇÃO [MESTRADO EM ANTROPOLOGIA]. BRASÍLIA: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2014.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Reinado do Rosário de Itaipécerica: da festa e dos mistérios. CD duplo. Brasília: Viola Corrêa, 2005.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Acervo pessoal de Dona Lena e Tonho Pretinho

Registro fotográfico *Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho*, de Marcelo Feijó e Diana Landim

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU****TOMBAMENTO**

O Moçambique do Tonho Pretinho é herdeiro de uma longa e complexa tradição de matriz africana. Nas palavras de Dona Lena, mãe do terno e esposa de Tonho, “o reinado é uma brincadeira. Mas é uma brincadeira séria.” A preocupação do capitão e de sua companheira com a manutenção da linha do Rosário, a linha da Angola, se faz visível na forma como eles conduzem as etapas rituais de sua responsabilidade, nos cantos e orações, na forma de estar na festa e, mais que isso, na forma de estar no mundo. O Moçambique, os guias e escoras que dele participam, os conjuntos, as forças das matas e das águas, estão presentes e são fundamentais para a vida, o cotidiano. Toda e qualquer ação de salvaguarda e registro precisa levar estas dimensões em consideração.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Um ponto que merece ser destacado para fins de registro é o esforço e comprometimento do Moçambique do Tonho Pretinho em se manter dentro da linha da Angola, em um movimento que destoa dos rumos que o Reinado de Itapecerica e região vêm tomando. A festa da cidade tem adquirido cada vez mais o caráter de “carnaval e desfile de moda”, afastando-se dos fundamentos do reinado e com um desprestígio da realeza conga. Ali os festeiros do ano gozam de maior prestígio, relegando os reis e rainhas congas, a devoção aos ancestrais e ao Rosário a um plano inferior. A amarração, prática recorrente em Itapecerica e região, que consiste nos reis ou mesmo pessoas do público pararem o cortejo, colocando uma cédula de dinheiro sob os pés para que o capitão cante para eles, também se afasta dos fundamentos e sentidos da devoção ao Rosário e dos mistérios da festa. Neste sentido, colocar o Moçambique do Tonho Pretinho em contato com outras guardas e irmandades que compartilham das mesmas concepções consiste em uma urgente ação de salvaguarda.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS			
PESQUISADOR(ES)	TALITA VIANA, SEBASTIÃO RIOS, RAFAEL SÁVIO E VITOR GABRIEL		
SUPERVISOR	TALITA VIANA E SEBASTIÃO RIOS		
REDATOR	TALITA VIANA, SEBASTIÃO RIOS, RAFAEL SÁVIO E VITOR GABRIEL	DATA Outubro / 2016	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	TALITA VIANA E SEBASTIÃO RIOS		